

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE
CAMPUS RIO BRANCO

RAIMUNDO NONATO DA SILVA JUNIOR

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CURSOS INTEGRADOS DO
IFAC, *CAMPUS* SENA MADUREIRA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA
À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

Rio Branco-AC

2021

RAIMUNDO NONATO DA SILVA JUNOR

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CURSOS INTEGRADOS DO
IFAC, *CAMPUS* SENA MADUREIRA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA
À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, *Campus* Rio Branco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica – EPT.

Orientador: Prof. Dr. Charlys Roweder

Rio Branco-AC

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva Junior, Raimundo Nonato da
Variação linguística nos cursos integrados do IFAC, *campus* Sena
Madureira: sequência didática interativa à luz da sociolinguística
educacional. / Raimundo Nonato da Silva Junior. – Rio Branco, 2021.
81 f.

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em
Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT - Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC. *Campus* Rio Branco, 2021.
ISBN: 978-65-00-29511-5
Orientador: Dr. Charlys Roweder

1. Variação linguística. 2. Sociolinguística educacional. 3. Produto
educacional. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Acre. II. Título.

CDD 469.798



INSTITUTO FEDERAL DO ACRE

ATA DE REUNIÃO DELIBERATIVA

Aos 19 dias do mês de julho do ano de 2021, realizou-se, por meio de Webconferência na Plataforma Google Meet, em razão das medidas de prevenção ao COVID-19, conforme Instrução Normativa nº 02/2020, de 1º de abril de 2020, a sessão pública de defesa da dissertação de mestrado intitulada “VARIÇÃO LINGUÍSTICA NOS CURSOS INTEGRADOS DO IFAC, CAMPUS SENA MADUREIRA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL e do produto educacional: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO SOBRE A TEMÁTICA VARIÇÃO LINGUÍSTICA EM SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA. Apresentados pelo mestrando Raimundo Nonato da Silva Júnior em sessão pública de defesa da dissertação de mestrado. Compuseram a banca examinadora os professores: Prof. Dr. Charlys Roweder, orientador e presidente da banca, Profª. Dra. Carla Soares Pereira, membro avaliador e Prof. Prof. Dr. César Gomes de Freitas, membro avaliador. O(A) presidente da banca fez a abertura da sessão de defesa, e passou a palavra para o mestrando, que fez uma exposição oral de 60 minutos, sendo em seguida arguido pelos membros da banca, que logo após reuniram-se reservadamente e decidiram pela APROVAÇÃO. Proclamados os resultados pelo (a) presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos às 17:17h e, para constar, eu Charlys Roweder, lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **César Gomes de Freitas, DOCENTE EBTT**, em 20/07/2021, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **CHARLYS ROWEDER, DOCENTE EBTT**, em 21/07/2021, às 07:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Soares Pereira, Usuário Externo**, em 22/07/2021, às 10:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ifac.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0368794** e o código CRC **0BC7F943**.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por acreditar que sem a ajuda e a proteção dele não teria conseguido terminar esse importante percurso na minha vida profissional.

A minha esposa que sempre esteve ao meu lado durante esse árduo percurso, em muitos momentos, se privando de um lazer aos finais de semana para ficar comigo em casa, dando-me o suporte necessário para que eu tivesse condição de estudar e concluir essa etapa.

A turma de 2019 que foram muito prestativos uns com os outros, tanto no sentido acadêmico, como também, no tocante as questões pessoais. Colegas esses que dividimos uma mescla de sentimentos que um mestrando passa: angústia, preocupação, ansiedade, desespero, mas em alguns momentos muita alegria em vermos nossos trabalhos prosperando e sendo encaminhados para a defesa.

Não poderia deixar de fazer um agradecimento também aos colegas de trabalho do campus Sena Madureira, entre esses mestres e doutores, os quais sempre estiveram à disposição para uma orientação e dicas importantes para a condução da pesquisa.

Encerro com um agradecimento ao corpo docente local do mestrado e especialmente ao meu orientador professor Charlys Roweder pela consideração, paciência e profissionalismo que conduziu essa orientação, o qual foi primordial para que eu conseguisse terminar essa etapa de estudo.

A língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão, apenas, de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e um predicado. A língua é muito mais que isso tudo. É parte de nós mesmo, de nossa identidade cultural, histórica e social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento ao um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencente a um espaço. É ela que confirma nossa declaração, Eu sou daqui. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes. (ANTUNES, 2019, p. 22-23).

NONATO, Raimundo da Silva Júnior. **Variação Linguística nos Cursos Integrados do IFAC, Campus Sena Madureira: Sequência Didática Interativa à Luz da Sociolinguística Educacional**. 2021. 81 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Científica e Tecnológica – PROFEPT) – Instituto Federal de Educação, Científica e Tecnológica, Rio Branco, AC, 2021.

RESUMO

O trabalho se debruça sobre a aplicabilidade de pressupostos da Sociolinguística no conteúdo de variação linguística na perspectiva de um ensino de Língua Portuguesa mais plural, democrático e social. Conseqüentemente interessa-nos motivar o aluno para a aprendizagem, valorizando o repertório linguístico que ele traz ao ingressar nos cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre-IFAC, campus Sena Madureira. Dessa forma, o trabalho se propõe a responder o seguinte problema de pesquisa: quais as implicações ao ensino de variação linguística por meio de uma intervenção pedagógica pautada na Sociolinguística Educacional? Objetivo geral investigar quais as implicações do ensino de variação linguística por meio de uma intervenção pedagógica pautada na Sociolinguística Educacional. Já em relação ao objetivo específico verificar junto aos alunos dos Cursos Integrados do IFAC, *Campus Sena Madureira*, quais conhecimentos prévios eles possuem em relação ao conteúdo de variação linguística; Fazer uma revisão bibliográfica sobre as contribuições que os pressupostos da Sociolinguística Educacional podem auxiliar no ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística; Elaborar e aplicar uma sequência didática interativa que contribua para uma melhoria no ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística. O estudo teve como base, prioritariamente, os escritos da Sociolinguística Variacionista de Labov (2018) e a Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2018, 2019a e 2019b) e Bagno (2007, 2020). Em relação a abordagem da pesquisa será qualitativa de natureza aplicada com objetivos exploratórios, já em relação ao procedimento será norteada pela pesquisa-ação. Os dados foram coletados por meio de aplicação de um questionário e dos resultados da aplicação do produto educacional. Por fim, construção e aplicação de uma sequência didática interativa com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento do ensino, onde a variação linguística precisa ser valorizada como um rico material para o início de um trabalho em Língua Portuguesa e não ser tratada de forma preconceituosa e estigmatizada, contribuindo assim, com um ensino de língua portuguesa mais investigativo e menos prescritivista.

Palavras-chaves: Variação Linguística. Sociolinguística Educacional. Produto Educacional.

NONATO, Raimundo da Silva Júnior. **Linguistic Variation in Integrated Courses at IFAC, Campus Sena Madureira: Interactive Didactic Sequence in the Light of Educational Sociolinguistics**. 2021. 81 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Científica e Tecnológica – PROFEPT) – Instituto Federal de Educação, Científica e Tecnológica, Rio Branco, AC, 2021.

ABSTRACT

The work focuses on the applicability of Sociolinguistics assumptions in the content of linguistic variation in the perspective of a more plural, democratic and social teaching of Portuguese language. Consequently, we are interested in motivating the student to learn, valuing the linguistic repertoire that he brings when he enters the integrated technical courses of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre-IFAC, campus Sena Madureira. Thus, the work proposes to answer the following research problem: what are the implications for teaching linguistic variation through a pedagogical intervention based on Educational Sociolinguistics? General objective to investigate the implications of teaching linguistic variation through a pedagogical intervention based on Educational Sociolinguistics. Regarding the specific objective, to verify with the students of the Integrated Courses at IFAC, Campus Sena Madureira, what previous knowledge they have in relation to the content of linguistic variation; Conduct a bibliographical review on the contributions that Educational Sociolinguistics assumptions can help in teaching and learning linguistic variation content; Develop and apply an interactive didactic sequence that contributes to an improvement in the teaching and learning of linguistic variation content. The study was based primarily on the writings of the Variationist Sociolinguistics of Labov (2018) and the Educational Sociolinguistics of Bortoni-Ricardo (2018, 2019a and 2019b) and Bagno (2007, 2020). In relation to the research approach, it will be qualitative, applied with exploratory objectives, and in relation to the procedure, it will be guided by action research. Data were collected through the application of a questionnaire and the results of the application of the educational product. Finally, construction and application of an interactive didactic sequence in order to contribute to the development of teaching, where linguistic variation needs to be valued as a rich material for the beginning of a work in Portuguese and not to be treated in a prejudiced and stigmatized, thus contributing to a more investigative and less prescriptive Portuguese language teaching.

Keywords: Linguistic Variation. Educational Sociolinguistics. Educational Product.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O ENSINO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA SOBRE O PRISMA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL	16
2.1 INTRODUÇÃO	17
2.2 METODOLOGIA	20
2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
2.4 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	35
3 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL NO CONTEÚDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CURSOS INTEGRADOS DO IFAC	36
3.1 INTRODUÇÃO	37
3.2 METODOLOGIA	39
3.3 REFERENCIAL TEÓRICO	40
3.3.1 BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA	40
3.3.2 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL NO CONTEÚDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	42
3.3.3 REFERENCIAL LEGAL	46
3.3.4 SEQUENCIA DIDÁTICA INTERATIVA COMO PRESSUPOSTO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SOBRE O PRISMA DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL	48
3.3.5 CONCLUSÕES	50
REFERÊNCIAS	51
5 SEQUENCIA DIDÁTICA INTERATIVA NO ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	52
5.1 INTRODUÇÃO	53
5.2 METODOLOGIA	54
5.3 TEORIA DA APRENDIZAGEM	57

5.4 PASSO A PASSO DA APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL-----	58
5.4.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES-----	59
5.4.2 CONCLUSÃO-----	76
REFERÊNCIAS-----	77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	77
7 APÊNDICE A – EMENTA-----	79
8 APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO-----	80
9 APÊNDICE C – PRODUTO EDUCACIONAL-----	81

1 INTRODUÇÃO

O conteúdo de variação linguística ainda enfrenta muita resistência e também falta de metodologias que venham a colaborar com o ensino e aprendizagem do mesmo na disciplina de Língua Portuguesa (LP). Além disso, percebe-se na maioria dos livros didáticos pouca visibilidade para esse conteúdo, geralmente ocupa pouquíssimas páginas em seus exemplares. Temos uma tradição secular de um ensino de LP muito atrelado à gramática normativa.

A Sociolinguística Educacional traz em seu bojo uma nova abordagem para o ensino de LP, valorizando o ensino de gramática normativa, mas também valorizando as variedades linguísticas trazidas pelos alunos ao ingressarem na escola, mostrando que a variedade padrão é considerada superior por aspectos sociais e não linguísticos em relação ao não padrão.

Antunes (2019) alerta que toda questão linguística vai muito além do que palavras e regras, como também, não podem ser entendidas como um bloco fechado de erros e acertos. Estudar uma língua sem levar em consideração o aspecto social, cultural, político, simbólico de seus alunos é engessar-se na imobilidade de privilegiar um único grupo, no caso, a classe mais alta da sociedade que sempre teve acesso aos bens culturais e ensino de qualidade.

Dessa forma, a variação linguística apresentada pelos alunos pode se transformar, dependendo da abordagem do professor, em um material riquíssimo para o início de um trabalho na Disciplina de Língua Portuguesa ou em um material que proporcione preconceitos e estigmatização.

Outro fator importante na abordagem da Sociolinguística Educacional é a forma crítica e questionadora quando vai se trabalhar com regras gramaticais, nesse aspecto, em muitos momentos, faz-se questionamentos sobre o funcionamento de regras e conseqüentemente incentiva tanto alunos como professores a fazerem pesquisa, ou seja, ensinar a norma padrão mais de forma crítica e reflexiva, não como repassadores de regras, as quais, muitas das vezes, já estão em desuso no estado atual que se encontra a LP no Brasil.

Nesse sentido, a Sociolinguística Educacional vem tendo a preocupação de mostrar através de pesquisas que essa super valorização da norma padrão em detrimento da não padrão vem acarretando estigmatização e preconceito

com as variantes linguísticas que fogem a esse padrão, muitas das vezes é chamada de “português de morro, rude, inferior, tosco, estropiado, corrompido, entre outras qualificações menos edificantes”. (ANTUNES, 2019, p.90).

Assim, a norma padrão no Brasil tenta impor uma uniformidade linguística e tratar a língua como algo homogêneo e imutável, tende a ser conservadora e busca inibir os falares regionais do nosso vasto país. Vale ressaltar que essas padronizações vêm desde o século passado, sendo proposta, por uma elite letrada e socialmente pertencente a classe alta da sociedade. Vale lembrar também que a nossa norma padrão descrita na gramática normativa tem suas bases na gramática portuguesa devido aos séculos de colonização que sofremos de Portugal.

O fato é que essa padronização nunca vai prevalecer em nosso país, devido as questões geográficas, como também, em relação a fatores linguísticos, pois a variação linguística é inerente às línguas. A Sociolinguística Educacional coloca o aluno no centro do ensino de LP, ou seja, leva em consideração na análise da competência linguística dos alunos: fatores internos a língua e também os externos.

No contexto do Ensino Profissional Tecnológico (EPT), verifica-se um ponto em comum entre a Sociolinguística Educacional e a EPT, qual seja: terem a pesquisa como princípio educativo. Ao longo dessa dissertação vamos verificando que o trabalho amparado na Sociolinguística é reflexivo, questionador e crítico, com isso, naturalmente, transforma o professor num pesquisador das variedades linguísticas e conseqüentemente será um incentivador para que os alunos desenvolvam também algum tipo pesquisa.

Nesse sentido, a EPT tem como um dos seus princípios uma educação mais democrática, inclusiva e social, ora como desenvolver isso sem respeitar e valorizar as variedades linguísticas dos alunos? A pesquisa como princípio educativo, assim como a Sociolinguística Educacional promovem um olhar criativo e crítico dos alunos em relação ao desenvolvimento do aprendizado da LP, levando em consideração, além dos elementos internos da língua, fatores relacionados a sua dimensão externa do sistema linguístico, como por exemplo, sexo, origem, faixa etária, escolaridade, origem geográfica, cultura e situação econômica dos alunos.

A Sociolinguística Educacional pode contribuir também para uma formação omnilateral dos alunos, pois a interdisciplinaridade que essa área tem com a geografia, história, sociologia, filosofia, antropologia e psicologia social vai acrescentar muito numa formação mais ampla e humana dos discentes formando sujeitos emancipados e críticos.

O aporte teórico e prático terá amparo na sociolinguística variacionista de Labov (2018) e na corrente brasileira conhecida como Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2018, 2019^a e 2019b) e Bagno (2007,2020).

Bortoni-Ricardo (2019a, p.128) nos traz importante definição, vejamos: “denominarei Sociolinguística Educacional, de forma um pouco genérica, todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino de língua materna”.

Já em outra obra da autora intitulada de Manual de Sociolinguística ela afirma o seguinte: “denominarei Sociolinguística Educacional o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em proposta de trabalho pedagógico mais efetivas”. (BORTONI-RICARDO, 2019b, p.158).

Nas definições da autora fica latente a relação entre Sociolinguística Educacional e pesquisa aplicada, a qual é adotada nesse trabalho, o qual além da dissertação que servirá de consulta valiosa para os demais professores de LP, terá um produto educacional, que será a própria aplicação da pesquisa em benefícios dos discentes.

Vale ressaltar que o ensino da gramática é importante tanto para a fala como para a escrita dos discentes, pois os mesmos necessitam conhecer a estrutura e o funcionamento da língua nos níveis fonológicos, morfológico, lexical e semântico.

A Sociolinguística em nenhum momento da sua história ficou contra ao ensino de gramática nas aulas de LP, porém analisando os seus pressupostos percebemos em termos mais gerais que o desafio é conscientizar e emponderar os professores para que não sejam meros repassadores de regras e possam propiciar aos discentes um ensino de língua mais significativo e eficiente e que tenham a gramática normativa como parte no ensino de língua e não como a totalidade.

Os alunos, em grande parte, já chegam com uma concepção que gramática normativa é a LP, conseqüentemente é comum ouvir a frase: “que português tem muitas regras para decorar”.

As salas de aulas dos cursos integrados do IFAC, Campus Sena Madureira, são multissociais, ou seja, de um lado temos a alunos de camadas elitizadas que já trazem uma base de leitura e de escrita mais elaborada, pelo fato de terem pais mais instruídos e melhor acompanhamento e reforço escolar em casa no decorrer do ensino fundamental. De outro lado, temos muitos alunos de camadas menos privilegiadas da sociedade que chegam com sérios problemas de aprendizagem, os quais tiveram pouco ou nenhum apoio dos pais no decorrer do ensino fundamental, já que o grau de escolaridades dos pais e baixo.

Dentro desse contexto, o desafio não é dos mais fáceis, pois vamos mexer com dogmas, contrariar práticas tradicionais de ensino de LP, desconstruir paradigmas, primando sempre por uma visão macro de língua (variação linguística) em detrimento do micro (gramática normativa) e conseqüentemente motivar o aluno para a aprendizagem crítica e significativa da Disciplina de Língua Portuguesa.

Ante os breves apontamentos acima, propõe-se responder ao seguinte problema de pesquisa: quais as implicações ao ensino do conteúdo de variação linguística por meio de uma intervenção pedagógica pautada na sociolinguística educacional?

Objetivo geral investigar quais as implicações do ensino de variação linguística por meio de uma intervenção pedagógica pautada na sociolinguística educacional.

Já em relação ao objetivo específico verificar junto aos alunos dos Cursos Integrados do IFAC, Campus Sena Madureira, quais conhecimentos prévios eles possuem em relação ao conteúdo de variação linguística; Fazer uma revisão bibliográfica sobre quais contribuições os pressupostos da Sociolinguística Educacional podem auxiliar no ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística; Elaborar e aplicar uma Sequência Didática Interativa que contribua para uma melhoria no ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística.

Em relação a justificativa, há um conteúdo magnífico pouco explorado tanto pelos docentes, como também nos livros didáticos, chamado variação linguística, a qual sempre foi colocado em segundo plano no ensino de Língua Portuguesa e muitas das vezes sendo motivo de piadas e estigmatização. Por isso a proposta de por meio da pesquisa e do produto educacional fazer uma intervenção no conteúdo de variação linguística. Dentro desse contexto, a Sociolinguística pode proporcionar uma maneira mais fácil de compreender a língua, utilizando como objeto de estudo as várias possibilidades de realizações de um idioma.

Em sua estrutura, o trabalho é composto por três artigos que serviram para o cumprimento dos objetivos específicos da pesquisa: o primeiro artigo tem a intenção de verificar qual o nível de conhecimento que os sujeitos da pesquisa têm sobre o conteúdo de variação linguística com aplicação de um questionário semiestruturado, esses dados subsidiaram as atividades trabalhadas na Sequência Didática Interativa (SDI).

O segundo artigo que tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica sobre as contribuições que os pressupostos da Sociolinguística Educacional podem auxiliar no ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística.

O terceiro artigo vem trazendo o percurso de elaboração e aplicação da Sequência Didática Interativa e seus respectivos resultados e discursões, com a finalidade de contribuir para uma melhoria no ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística, sob uma perspectiva mais plural, democrática e social dos Cursos Integrados do IFAC, Campus Sena Madureira.

A proposta de Intervenção é produzir uma SDI com textos de caráter mais formais, como também, com linguagem menos formais, justamente para o aluno ter ciência da diversidade linguística da Língua Portuguesa. Iremos trabalhar com três tipos de gêneros textuais: poemas, textos em prosa e charge.

Inicialmente foi inserido no material três textos motivadores sobre variação linguística, apoiados sempre em pressupostos da Sociolinguística Educacional, os quais vão servir de base para a resolução das dez atividades propostas. O passo a passo da SDI será descrito no terceiro artigo que compõe esse trabalho.

Em relação às ações da nossa pesquisa foi estruturada, levando em consideração os pressupostos da pesquisa-ação nas seguintes etapas:

realização de um seminário com os alunos da turma que participaram da pesquisa com a finalidade de apresentar o tema da pesquisa e discutir com os alunos se a temática é relevante ou não, atividade diagnóstica sobre o entendimento dos alunos sobre variação linguística com aplicação do questionário, preparação do plano de ação com as aulas interventivas, aplicação da SDI e análise dos dados obtidos, os quais serão detalhados no terceiro capítulo, o qual vai tratar especificamente da aplicação, resultados e discussões do produto educacional proposto.

2 O ENSINO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA SOBRE O PRISMA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar junto aos alunos dos Cursos Integrados do IFAC, *Campus Sena Madureira*, quais conhecimentos prévios eles possuem em relação ao conteúdo de variação linguística. A justificativa é obter subsídios para uma intervenção pedagógica pautada na Sociolinguística Educacional. O aporte teórico desse trabalho terá amparo na Sociolinguística Educacional (BAGNO 2020), (BORTONI-RICARDO 2018), (COELHO ET AL 2019) e (LEITE 2020). Já em relação a metodologia a abordagem será qualitativa, quanto ao procedimento é bibliográfico, quanto a natureza é aplicada e com objetivos exploratórios.

Palavras-chaves: Variedade Linguística. Língua Materna. Sociolinguística.

ABSTRACT

The present work aims to verify with the students of the Integrated Courses at IFAC, *Campus Sena Madureira*, what previous knowledge they have in relation to the content of linguistic variation. The justification is to obtain subsidies for a pedagogical intervention based on Educational Sociolinguistics. The theoretical contribution of this work will be supported by Educational Sociolinguistics (BAGNO 2020), (BORTONI-RICARDO 2018), (COELHO ET AL 2019) and (LEITE 2020). Regarding the methodology, the approach will be qualitative, as the procedure is bibliographical, as the nature is applied and with exploratory objectives.

Keywords: Linguistic Variety. Mother tongue. Sociolinguistics.

2.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo verificar junto aos alunos do Curso Técnico Integrados em Agropecuária do IFAC, segundo ano, Campus Sena Madureira, quais conhecimentos prévios eles possuem em relação ao conteúdo de variação linguística, vale ressaltar que esse conteúdo consta tanto no ensino fundamental, como também, no ensino médio. Dessa forma, pressupõe que esses alunos já tenham uma base sólida em relação a variação linguística.

A Sociolinguística Educacional vê na variação linguística um conteúdo riquíssimo para ser trabalhado em sala de aula de forma mais incisiva e com perspectiva de um aprendizado voltado a pesquisa como princípio pedagógico. Infelizmente como já relatado na introdução dessa dissertação, há uma acentuada desvalorização desse conteúdo nos livros didáticos, como também, nas abordagens em salas de aulas.

Apoderado desse conhecimento o professor de língua iria trabalhar a variação linguística de forma a investigá-la em sala de aula e usá-la de maneira produtiva no ensino-aprendizagem dos alunos, pois, elencadas as variedades, dentro do texto, o aluno poderá observar a língua em movimento, dinâmica e compreender de maneira mais clara os usos da língua, como também, as utilidades das gramáticas e dicionários.

O que chamamos nesse trabalho de norma padrão se caracteriza como uma norma artificial, ou seja, distante da realidade vivenciada pelos seus falantes nativos. A consequência disso, foi contribuir para que alunos desenvolvessem um sentimento de aversão à gramática, considerando-a difícil, enigmática e complexa.

Dessa forma, será bem interessante propor uma mudança na abordagem inicial da Disciplina de Língua Portuguesa, mostrando primeiro a diversidade linguística do português do Brasil, ou seja, primeiramente proporcionar aos alunos uma visão macro, plural e heterogênea de língua e em seguida começar a introduzir gradativamente assuntos relacionados a norma padrão.

Quando pensamos em ensino de Língua Portuguesa (LP) nos vem logo a mente a norma padrão com suas inúmeras regras e exceções, conseqüentemente, na maioria das vezes, desconsideramos os conhecimentos linguísticos que os nossos alunos já possuem.

A Sociolinguística na sala de aula conduz o aluno a perceber que a gramática normativa é apenas uma variante no ensino de língua, nesse caso, a variante de prestígio. Nesse sentido, pode despertar nos alunos o interesse em conhecer e se apoderar das variedades da língua e reconhecer que todas elas possuem valor tanto quanto a chamada variedade de prestígio, a qual é descrita na gramática normativa.

Infelizmente em termos práticos, esses conhecimentos sociolinguísticos, apesar de alguns livros didáticos já trazerem dentro do conteúdo de variação linguística o termo Sociolinguística, essa rica área do ensino de língua, ainda permanece na maioria das vezes no campo teórico, observa-se certa dificuldade em transformá-la em práxis. Entretanto essa vertente chamada de Sociolinguística Educacional vem justamente fazendo e orientando, como trabalhar, os pressupostos dessa área magnífica aplicada ao ensino básico.

Leite (2020) alerta em relação a esse excessivo valor dado a norma padrão em detrimento as demais variedades linguísticas que pode em muitos casos gerar preconceito e intolerância linguística. A autora relata que o preconceito linguístico é mais difícil de ser percebido, pois não vem acompanhado de linguagem que o denuncie, ou seja, a vítima não é agredida diretamente.

Como exemplo de preconceito e descrito uma situação em que um indivíduo ao concorrer com sotaque regional a uma entrevista de emprego, pode ser dispensado por seu sotaque caipira, lógico que quando ocorre esse tipo de fato o empregador coloca outras justificativas para não aceitar o candidato, maquiando o preconceito linguístico.

Já em relação a intolerância linguística, a autora relata que essa é mais direta, ou seja, não usa mascaras, sua característica principal e veicular agressividade verbal contra o outro em razão da linguagem que usa, que pode ser em relação ao sotaque, uma falha de pronuncia, uma falha gramatical e etc.

Bagno (2020) alerta sobre a propagação por alguns gramáticos em afirmar que o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente, o qual ele chama de mito, afirma que esse tipo de colocação é muito prejudicial à educação porque tenta esconder a verdadeira diversidade do português falado no Brasil. A escola tenta impor sua norma padrão como se ela fosse a única língua comum a todos os mais de 200 milhões de brasileiros.

Dessa forma, não há preocupação na relação de ensino e aprendizagem em se levar em conta a condição geográfica, socioeconômica dos discentes ao chegarem à escola.

Em relação a colocação do autor, percebe-se muita semelhança com os sujeitos dessa pesquisa, pois nos cursos integrados do IFAC, campus Sena Madureira, numa mesma turma, temos alunos filho de uma classe econômica privilegiada do município, como também, alunos provenientes de camadas sociais baixas, além disso, temos os alunos provenientes da zona rural em torno do município, que chegam geralmente, com linguagem bem característica da zona rural, os quais vem buscar um ensino de melhor qualidade na cidade.

No tocante a trabalhos publicados na área da Sociolinguística Educacional foram feitas consultas na Plataforma Sucupira, infelizmente não foram encontradas dissertações que tratem de intervenções em conteúdo de Língua Portuguesa pautado na Sociolinguística Educacional. Entretanto em outro mestrado profissional conhecido como Mestrado Profissional em Estudo de Línguas (PROFLETRAS), verificou-se vários trabalhos desenvolvidos no viés da Sociolinguística Educacional. Foi feita uma consulta nos resultados e discussões de dois desses trabalhos.

O primeiro trabalho de Carvalho (2018) com o título *A Concordância Verbal no Terceiro Ano do Ensino Médio na Perspectiva Sociolinguística*. O referido trabalho tem como objetivo geral analisar a implementação de uma sequência didática que visa favorecer o entendimento da aplicação das regras de concordância verbal em contextos formais escritos, reconhecendo as diversas manifestações da língua e respeitando a sua diversidade.

Com três objetivos específicos: aplicar os conhecimentos que os estudos sociolinguísticos proporcionam sobre a concordância verbal no que se refere às aulas de língua portuguesa na escola; Elaborar atividades que favoreçam a percepção dos alunos acerca da necessidade da aplicação das regras pertencentes à concordância verbal nos contextos formais escritos; Oportunizar a construção de um raciocínio científico a respeito da língua na perspectiva de conceitos relacionados à Morfologia e à Sintaxe.

Percebe-se que tanto o objetivo geral, assim como os específicos foram contemplados com o amparo da Sociolinguística Educacional e também pela aplicação do produto educacional, nesse caso, uma sequência Didática.

O segundo trabalho consultado de Rúbia (2018) com o título: Por um Ensino Reflexivo e Produtivo dos Pronomes Demonstrativos à Luz da Sociolinguística Educacional. Nessa perspectiva o trabalho analisado tem como objetivo principal contribuir para um ensino sociolinguístico da Língua Portuguesa, elaborando, como suporte ao livro didático, uma Proposta Didática à luz da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, contemplando os usos reais e contemporâneos dos pronomes demonstrativos na modalidade escrita da língua.

Devido a dissertação apresentar o número bem acima da média de objetivos específicos, selecionamos a atenção para aqueles que estão direcionado a Sociolinguística Educacional, quais sejam: pesquisar estudos linguísticos relacionados ao sistema pronominal dos demonstrativos no Português Brasileiro à luz da Sociolinguística Variacionista; Propor atividades didáticas aos alunos pesquisados – valorizando a pesquisa em sala de aula –, à luz das importantes contribuições da Sociolinguística Educacional para o ensino da Língua Portuguesa no Brasil, enfocando, principalmente, os usos dos pronomes demonstrativos no Português Brasileiro Contemporâneo.

Verificou-se que a intervenção pautada na Sociolinguística Educacional foi exitosa através dos resultados e discussões da pesquisa, como também, pelo resultado positivo da aplicação do produto educacional, nesse caso também, uma sequência didática.

2.2 METODOLOGIA

Nesse momento iniciasse o trabalho aplicado com apresentação da pesquisa aos sujeitos da mesma, com a exposição do título, objetivo geral e específico e pergunta da pesquisa e discussão com os discentes sobre a importância da temática para uma melhoria no ensino de Língua Portuguesa, especificamente no conteúdo de variação linguística.

Ocorreu uma limitação na apresentação do seminário por não termos a oportunidade de fazermos de forma presencial com um contato mais afetivo com os alunos, devido as medidas de restrições da pandemia da Covid 19, nesse caso, fizemos uso da ferramenta Google Meet.

A metodologia nesse trabalho em relação a técnica de coleta de dados foi aplicação de um questionário semiestruturado, com nove perguntas, tendo a finalidade de colher informações sobre os conhecimentos que os sujeitos da pesquisa tinham sobre o conteúdo de variação linguística, haja vista, que esse conteúdo e trabalhado tanto no ensino fundamental, como também, ao longo do ensino médio. Dessa forma, foram feitas perguntas específicas sobre o percurso deles nos cursos integrados do IFAC, como também, relacionada a toda a vida estudantil deles, inclusive o percurso do ensino fundamental.

A limitação da aplicação do questionário, assim, como a apresentação do seminário, ficou por conta das medidas de restrições da pandemia da covid 19 que nos impossibilitou de aplicarmos o questionário presencialmente, nesse caso, o questionário foi enviado via e-mail, na qual foi dada as instruções de preenchimentos do mesmo, porém por se tratar de adolescentes entre 14 e 17 anos, a imaturidade nessa faixa e natural, teve-se muita dificuldade em receber o retorno do questionário.

Gil (2019) sendo um dos grandes em metodologia da pesquisa no país, coloca o questionário como sendo uma técnica de investigação que é submetido a pessoas com a finalidade de obter informações sobre conhecimento, crenças, valores, interesses e etc.

O autor relata também as vantagens do questionário, como por exemplo, possibilidade de atingir grande número de pessoas, haja vista, que além de ser aplicado no ambiente físico com os sujeitos da pesquisa, pode também ser enviado por meio de correio ou meios eletrônicos. Outra vantagem é que “não expõe o pesquisador à influência de opiniões e do aspecto pessoal da entrevista”. (GIL, 2019b, p.138).

Em relação a abordagem da pesquisa será qualitativa: “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. (GERRADT e SILVEIRA, 2009, p.31).

Já em relação ao procedimento será bibliográfico “é feito com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos”. (MARCONI e LAKATOS, 2020, p.33).

No tocante a natureza da pesquisa desse trabalho ela é aplicada, nesse sentido Gil (2019^a, p. 26) nos apresenta com um conceito bem objetivo e prático: “pesquisa voltada à aquisição de conhecimento com vistas à aplicação numa situação específica”. (GIL, 2019^a, p. 26).

Em relação aos objetivos é exploratória, segundo Gil: “a pesquisa exploratória tem por propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado”. (GIL, 2019^a, p.26).

2.3 RESULTADO E DISCUSSÕES

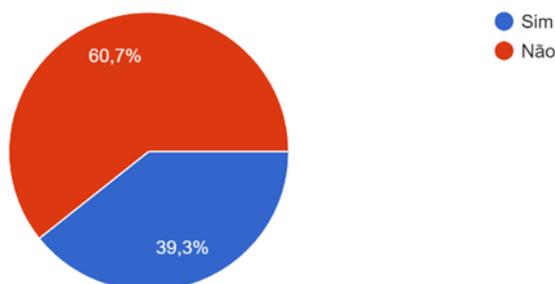
Nesta seção será apresentado os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados do questionário semiestruturado que foi aplicado durante o desenvolvimento desta pesquisa, pautando-nos sempre no aporte teórico que embasou este estudo. O referido instrumento de coleta de dados foi composto por nove questões. Será feita a análise das repostas e conseqüentemente as devidas discussões. Participaram da pesquisa 28 alunos, os quais todos responderam ao questionário.

Em relação ao critério de avaliação das repostas abertas será levado em consideração a qualidade das repostas, isso é, se o aluno tem um conhecimento bom, médio ou ruim sobre o tema perguntado. Será atribuído conceito “A” para repostas que demostre um conhecimento bom, conceito “B” para as repostas que demostre um conhecimento médio e conceito ‘C’ referente às repostas que demostre um conhecimento insatisfatório sobre o tema perguntado.

A primeira pergunta do questionário foi a seguinte: Você concorda com a frase que português é muito difícil? Essa pergunta foi elaborada com a intenção de verificar junto as discentes se eles tinham a percepção que português é nossa língua materna e o que consideramos difícil é apenas a variante de prestigio chamada nesse trabalho de norma padrão.

Gráfico 01

Você concorda com a frase que português é muito difícil?
28 respostas



Fonte: alunos do 2º ano Curso Técnico Integrado em Agropecuária

O resultado dessa primeira reposta foi que 60,7% não consideram português difícil e 39,3% consideram português difícil.

Em relação aos 39,3% que consideram sua língua materna difícil, Bagno (2020) esclarece que grande parcela desse equívoco é causado no ambiente escolar, onde não se faz a distinção entre língua propriamente dita e a codificação tradicional da língua, isto é, gramática normativa. O autor alerta também que saber uma língua na concepção científica da linguística moderna significa empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento da mesma.

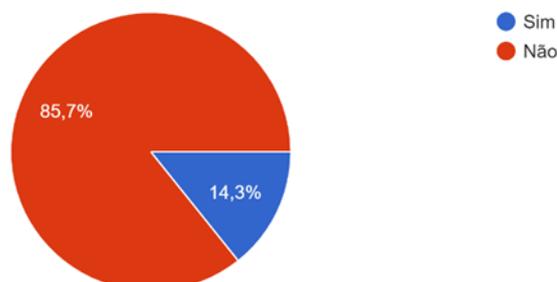
Na realidade essa norma gramatical faz muito tempo que não atende mais a realidade linguística do português do Brasil, se encontra cheio de dinossauros linguísticos, em muitos casos, nem os falantes considerados "cultos" usam essas regras.

A segunda pergunta do questionário: Ao longo do seu percurso no Curso Integrado do IFAC já teve alguma aula sobre o tema preconceito linguístico?

Gráfico 02

Ao longo do seu percurso no Curso Integrado do IFAC já teve alguma aula sobre o tema preconceito linguístico??

28 respostas



Fonte: alunos do 2º ano curso Técnico Integrado em Agropecuária

Essa pergunta foi elaborada com a intenção de verificar se a temática relacionada a preconceito linguístico, sendo um tema essencial no estudo de variação linguística vem sendo abordado. Nesse caso 85,7% dos alunos responderam que não tiveram esse tipo de abordagem nas aulas e 14,3% responderam que sim.

Em relação aos que responderam sim, foi solicitado no questionário que explicassem o que seria o preconceito linguístico.

Quadro 01

Respostas	Conceito
Não tive aulas sobre o assunto. Mas o mesmo se refere ao julgamento de outras pessoas sobre um indivíduo que tem uma forma diferente de dialogar, se comunicar.	B
É o preconceito em relação a forma de falar de diversas pessoas.	C
o preconceito linguístico nada mais é do que a discriminação relacionada a pessoas que falam os mesmos idiomas só que de formas diferentes como gírias, sotaque e etc.	B
Seria no caso a variedades linguísticas de menor prestígio social.	B
Valor negativo de repulsa, reprovação e desrespeito. Que também é ligado a outros preconceitos, (cultura, socioeconômico, entre outros).	A

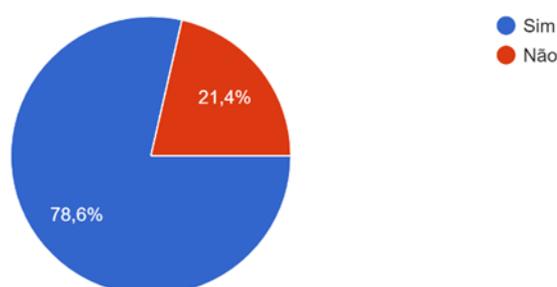
Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

A terceira pergunta do questionário: Você concorda com a afirmação que a gramática normativa é a própria Língua Portuguesa? Nesse caso, a pergunta foi elaborada com a intenção de ser mais incisivo e aprofundar ainda mais as diferenças entre gramática normativa e Língua Portuguesa, levando em consideração o aporte teórico e prático da Sociolinguística Educacional.

Gráfico 03

Você concorda com a afirmação que: A gramática Normativa e a própria Língua Portuguesa?

28 respostas



Fonte: alunos do 2º do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Conforme o gráfico 78,8% dos discentes concordam com a afirmação e 21,4% não concordam. Foi solicitado aos que marcaram a alternativa não que fizessem as devidas justificativas.

Quadro 02

Respostas	Conceito
Não pois existem várias formas de dialogar, não precisamente seguindo essa gramática. Como por exemplo cada região do brasil tem sua forma de falar. Porém é muito importante para se obter um bom diálogo, para escrever e entender melhor.	A
A língua portuguesa e muito correta,e não são usadas muitas regras cotidianamente.	C
Não por que a língua portuguesa se varia em várias formas e não é uma só.	B

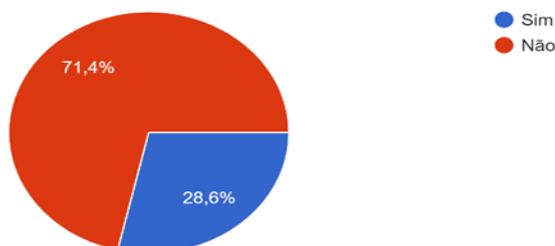
Porque não dá para usar em uma reunião, a mesma forma que falamos no dia a dia, como por exemplo " vou pra lá " .	B
Pelo fato de que,nem sempre que uma fala minha possa se interpretar da mesmo forma, que a pessoa que estiver conversando.	C

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

A quarta pergunta do questionário: Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diatópica? A finalidade da pergunta foi de verificar se os alunos tinham alguma noção sobre os três tipos principais de variação: diatópica, diastrática e diafásica, essas duas últimas serão contempladas nas próximas perguntas do questionário.

Gráfico 04

Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diatópica?
28 respostas



Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

De acordo com o gráfico 71,4% dos alunos afirmaram que não tiveram aula sobre a referida variação e 28,8% disseram que sim, foi solicitado aos alunos que responderam sim que explicassem o que seria essa variação.

Quadro 03

Respostas	Conceito
Não tive aulas sobre o assunto	C
A variação diatópica condiz com a identidade a cultura das diferentes comunidades de fala.	C
Um exemplo clássico é que no nosso estado falamos macaxeira, já em outros mandioca.	B
Diz respeito justamente as diferenças linguística	C
A variação diatópica diz respeito justamente às diferenças linguísticas que podem ser vistas em falantes de lugares geográficos diferentes.	B
A língua varia no espaço pois pode ser empregada diferentemente dependendo do local em que o indivíduo está. A variação diatópica diz respeito justamente às diferenças linguísticas que podem ser vistas em falantes de lugares geográficos diferentes.	A
Na minha concepção, variação diatópica é, diferenças geográficas, diferenças relacionadas ao espaço físico, como regiões, países, zona urbana, zona rural, etc.	B
Já devo ter estudado sobre!	C
Que a linguagem, não são todas iguais elas varia em cada espaço.	C

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

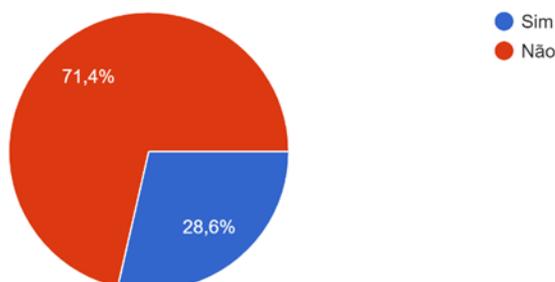
Coelho et, al (2019) coloca que a variação diatópica, também conhecida, como variação regional é responsável por podermos identificar na maioria das vezes com precisão, a origem de uma pessoa através seu sotaque, ou seja, se estamos interagindo com um gaúcho, mineiro ou baiano.

Essas variações podem ocorrer também em relação ao léxico, como por exemplo, os vários nomes dados a uma espécie de legume: abobara, jerimum, moranga, a qual vai variar conforme a região do falante.

A quinta pergunta: Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diafásica? A motivação da pergunta foi a importância que essa variação tem no ensino de variação linguística.

Gráfico 05

Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diafásica?
28 respostas



Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Levado em consideração o gráfico 71.4% dos alunos afirmaram que não é 28,6% afirmaram que sim. Foi solicitado aos alunos que disseram sim que explicassem o que seria essa variação.

Quadro 04

Respostas	Conceito
A língua varia de acordo com o contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo de falar, que pode ser formal ou informal.	A
Não tive aulas sobre o assunto.	C
Acontece de acordo com o contexto comunicativo.	B
Na variação diafásica a língua varia de acordo com o contexto comunicativo, ou seja, a ocasião determina o modo de falar, que pode ser formal ou informal	A
Ocasião que determina o modo de falar, formal ou informal	B
Digamos que não tive uma aula muito relacionada, mas em outra escola já tive uma aula mais aprofundada sobre!	C
Essa variação, acontece mais como um contexto quando estamos com nossos amigos, num ambiente que ficamos mais à vontade, e utilizamos uma linguagem um pouco informal.	B
É a variação que acontece de acordo com o contexto comunicativo.	C
Que, temos dois tipos de fala formal e informal, que devemos saber diferenciar e utilizar de forma certa,	B

linguagem formal e mas respeitando as regras e informal e uma conversa com amigos	
---	--

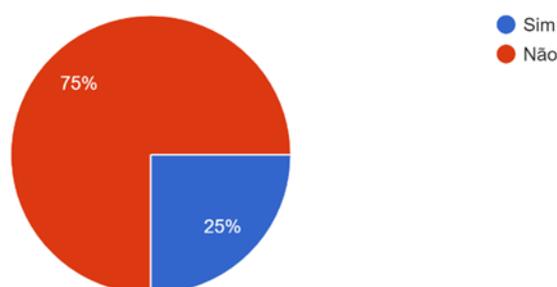
Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

A variação diafásica e também conhecida como variação situacional, ou seja, o falante tem que ter a competência linguística para adequar a sua comunicação usando o registro mais formal em situações que requer esse tipo de comportamento, como por exemplo, num discurso numa formatura. Menos formal quando se está, por exemplo, no seu ambiente familiar ou até mesmo conversando com pessoas de escolaridade baixa.

A sexta pergunta: Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diastrática? Motivação da pergunta foi também pela importância desse tipo de variação.

Gráfico 06

Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diastrática?
28 respostas



Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Em consonância com o gráfico 75% afirmaram que não tiveram aula sobre variação diastrática e 25% afirmaram que sim. Da mesma forma das outras duas variações, foi solicitado aos discentes que responderam sim, que explicassem o que seria essa variação.

Quadro 05

Respostas	Conceito
Não tive aulas sobre o assunto.	C

Também conhecido como vai essa social é um tipo de variação linguística em que os falantes são submetidos	C
E formado por dois fatores sociais: Fator etário e fator da escolaridade.	B
A língua varia de acordo com fatores sociais	B
Ela varia de acordo com os fatos sociais.	B
Já tive sim, mas não sei explicar.	C
diatrática constitui um dos tipos de variação linguística a que os falantes são submetidos.	C
Que, tem formas diferentes de tratar uma pessoa de escolaridade maior. Com nomes mas educativo.	C

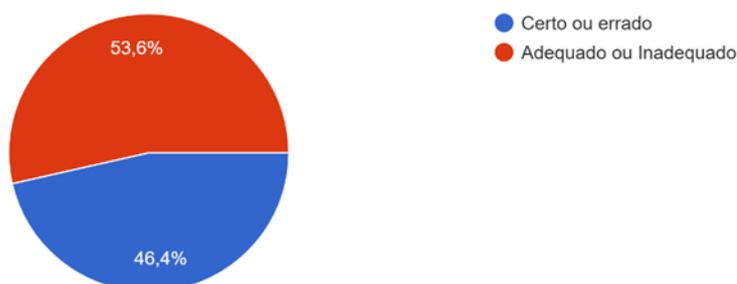
Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Varição diatrática também chamada de variação social são aquelas relacionadas com os hábitos e culturas de diferentes grupos sociais. “Principais condicionadores sociais correlacionados a essa variação são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária”. (COELHO et al, 2019, P.41).

A sétima pergunta: Ao longo do seu percurso como estudante na disciplina de Língua Portuguesa no curso integrado do IFAC, os professores ao trabalharem os conteúdos usam mais os conceitos de certo ou errado ou adequado e inadequado? A pergunta foi proposta porque sobre o olhar da Sociolinguística Educacional esses conceitos têm fundamental importância no momento de um trabalho com a Disciplina de Língua Portuguesa.

Gráfico 07

Ao longo do seu percurso como estudante na disciplina de Língua Portuguesa no curso integrado do IFAC, os professores ao trabalharem os conteúdos usam mais os conceitos de:
28 respostas



Fonte: alunos do 2º do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Segundo o gráfico 53,8% responderam que os conceitos de certo e errado prevaleceram e 46,4% disseram que os conceitos de adequado e inadequado prevalecem.

Nesse caso a Sociolinguística Educacional orienta aos professores que trabalhem com os termos adequado e inadequado, já se encontra bem consolidado nos estudos linguísticos que um falante da língua materna, no caso desse estudo, o português do Brasil, não comete “erro de português”, mas sim de ortografia.

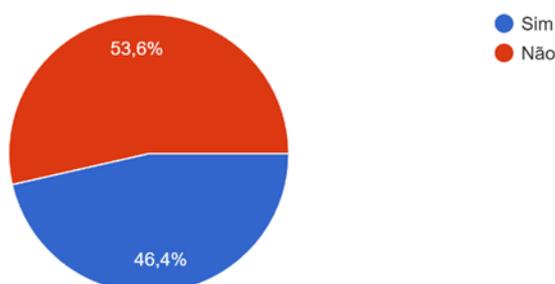
Bagno (2020) alerta sobre a prática de alguns professores passarem atividades para casa solicitando que os alunos achem “erros de português” em placas de anúncios pela cidade. O autor coloca que nesses casos o que existe é simplesmente erro de ortografia, como exemplo, cita as palavras lojinha de artesanato, onde a ortografia coloca como certo lojinha de artesanato. Nem mesmo a realização fonética vai apresentar diferença, haja vista, que nesse caso j e g tem o mesmo som, como também, s e z.

A oitava pergunta: Nas aulas de Língua Portuguesa você já teve aula sobre a diferença entre norma padrão e não padrão. Tal indagação foi motivada porque dentro de um estudo eficaz sobre variação linguística essas duas concepções de norma são de suma importância.

Gráfico 08

Nas aulas de Língua Portuguesa você já teve alguma abordagem sobre a diferença entre norma padrão e não padrão?

28 respostas



Fonte: alunos do 2º ano Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Levando em consideração as informações do gráfico 53,8% disseram que não e 46,4% disseram que sim. Foi solicitado no questionário que os discentes que respondessem sim, explicassem essa diferença.

Quadro 06

Respostas	Conceito
A norma gramatical é aquela relacionada à gramática normativa: só o que está de acordo com ela é correto. Porém ela incorpora muitas regras que não são usadas cotidianamente. A norma- padrão, por sua vez, está vinculada a uma língua modelo. Segue prescrições representadas na gramática, mas é marcada pela língua produzida em certo momento da história e em uma determinada sociedade.	B
Bom pelo que sei. A norma padrão é o modelo das outras regras ela é formal.	C
Norma não padrão tá ligada a gírias, ou seja, ao linguajar de determinada região	C
Padrão: de acordo com nossa língua.	C
Não padrão: ligado a gírias.	C
A norma padrão e uma linguagem mais coloquial, formal onde não se utiliza gírias, e é considerada a correta. Já a não padrão e a que usamos no nosso dia a dia, com gírias, abreviações e etc.	B
A norma gramatical é aquela relacionada à gramática normativa: só o que está de acordo com ela é correto. A norma- padrão, por sua vez, está vinculada a uma língua modelo. Segue prescrições representadas na gramática, mas é marcada pela língua produzida em certo momento da história e em uma determinada sociedade.	B
Não lembro do assunto no momento.	C
A diferença está em como nós falamos, ao se acostumar falar “errado” futuramente isso irá trazer certa dificuldade em falar em um discurso ou em uma reunião importante .	C
Norma padrão: norma culta da nossa língua, ligada à gênero, número, quantidade, etc.	C
Não padrão: é mais ligada à gírias.	C
É aquela relacionada à gramática normativa: só o que está de acordo com ela é correto. ... A norma- padrão, por sua vez, está vinculada a uma língua modelo.	B
A norma padrão e a linguagem correta. Já a não padrão é a que usamos no nosso dia-a-dia.	B

Normal padrão é a forma culta da língua portuguesa, ou seja, de acordo com os critérios adotados pela norma gramatical se está de acordo com ela é correto. A norma não padrão por sua vez é a forma como a sociedade e culturas se comunicam de forma não culta, informal. Resumidamente está ligada a gírias e a dizeres popular.	A
---	---

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Em relação a norma padrão essa é bastante conservadora e tida pela escola, muitas vezes, como inquestionável e que devemos obedecer a ferro e a fogo, tida como o modelo ideal no tocante a fala e a escrita, já a norma não padrão que são justamente as variantes linguísticas, as quais muita das vezes tida como feia, deficiente, ignorante etc.

Nesse caso o resultado e caminhar para um preconceito linguístico que na realidade não deixa de ser um preconceito social. “De fato, o parâmetro geral é definido corresponde exatamente aquela norma culta ideal, o que faz com que essa norma padrão seja regulada pelo que a classe social de prestígio certos órgãos oficiais estipulam como sendo o melhor uso da língua”. (ANTUNES 2019, p.94).

Na realidade a norma padrão nada é mais que uma variante linguística da língua, o problema é que foi tomada em muitos momentos como a própria língua portuguesa e lhe deram também o status de língua culta, conseqüentemente considerando não cultos todos os falantes que fazem usos das outras variedades linguísticas.

Antunes (2019) é enfático ao afirmar que todas as variações de norma são legítimas. O autor ainda acrescenta que o que define uma variação linguística como “melhor ou pior”, “como mais bonita ou mais feia” é o nível social das pessoas que usam essa variação. Exemplo disso, é verificarmos que geralmente quem usa o “português errado”, são as classes menos favorecidas, já estigmatizadas em outros setores e excluídas de outras vantagens sociais.

Corroborando com esse tema Bortoni e Ricardo (2018) coloca que as variedades falada pelos grupos de maior poder político e econômico passaram a ser visualizadas como variedades “bonitas e corretas”. Porém pesquisas conceituadas na área da Sociolinguística Educacional mostram que essas variedades nada tem de superior linguisticamente em relação as demais. “O

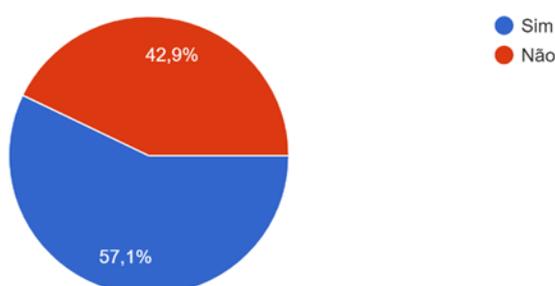
prestígio que adquirem é mero resultado de fatores econômicos e políticos” (BORTONI-RICARDO, 2018, P.34).

A nona pergunta: Você já se sentiu ridicularizado ou discriminado em sala de aula por ter pronunciado uma palavra de forma “errada” em apresentação de seminários ou outra atividade? A motivação da pergunta foi para verificar se há preconceito e estigmatização em sala de aula em relação a oralidade.

Gráfico 09

Você já se sentiu ridicularizado ou discriminado em sala de aula por ter pronunciado uma palavra de forma “errada” em apresentação de seminários ou outra atividade?

28 respostas



Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico em Agropecuária

Em conformidade com o gráfico 57,1% disseram que sim e 42,9% disseram que não. Nesse caso, verifica-se que o preconceito e estigmatização na oralidade dos alunos se encontra bem presente.

Vale ressaltar que é na diversidade da língua que encontramos sua riqueza e encanto. Não há de se estranhar porque grande parte dos alunos detestam estudar gramática normativa. Justamente por trazer um padrão de língua idealizado, o qual não faz parte do dia-a-dia da comunicação dos alunos. Além disso, com muitas regras ilógicas e sem explicações científicas para considerar determinadas questões como “certo ou errado”. Fora ainda os inúmeros já citados, “dinossauros linguísticos,” que não fazem parte mais da língua em uso real do português brasileiro.

2.4 CONCLUSÃO

Levando-se em consideração os dados obtidos no questionário sobre o conhecimento dos alunos referente ao conteúdo de variação linguística, fica latente pouco conhecimento dos mesmos, sobre os temas abordados, lógico que no universo de 28 alunos tivemos algumas repostas bem satisfatórias que obtiveram conceito "A", mas foram exceções, o que prevaleceu foi resposta com conceitos de maioria "C" e "B", ou seja, conhecimento insatisfatório é médio sobre os temas perguntados.

Os dados são preocupantes porque o conteúdo de variação linguística nos documentos oficiais como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os quais serão analisados com mais propriedade no segundo artigo que compõe essa dissertação, versam que a variação linguística deve ser trabalhada no primeiro e segundo círculo do ensino fundamental e também no ensino médio, ou seja, é um conteúdo que deve acompanhar o aluno ao longo de todo o ensino básico.

Dessa forma, a impressão que fica é que o conteúdo está sendo trabalhado de forma equivocada ou não estão dando o valor necessário ao que tem de mais rico, dinâmico e interessante no estudo de qualquer língua, que é justamente a sua heterogeneidade, sua pluralidade, justamente encontrada nas suas variações. Principalmente num país de grandezas geográficas imensa como o Brasil, aonde cada região tem o seu vocabulário e sotaque peculiar.

REFERENCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2019

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56^o. Ed. São Paulo: Parábola, 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial. 2018.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer a Sociolinguística**. 1^o. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CARVALHO, Dávine Escobar. **A concordância verbal no terceiro ano do ensino médio na perspectiva sociolinguística**. 2018. 102f. Dissertação

(Mestrado em Ensino de Línguas-PROFLETRAS). Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2018. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/3752>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2019^a.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2019b.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e Intolerância na Linguagem**. 2^o.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 8^a. Ed. São Paulo: Atlas, 2020.

RÚBIA, Mara Fernandes: **Por um ensino e reflexivo e produtivo dos pronomes demonstrativos à luz da sociolinguística educacional**. 2018. 195f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas-PROFLETRAS). Universidade Federal de Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/22438>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

3. CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL NO CONTEÚDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CURSOS INTEGRADOS DO IFAC¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo trazer à tona contribuições que uma abordagem amparada na Sociolinguística Educacional pode viabilizar um ensino com aulas mais atrativas e proporcionar aos alunos uma visão mais macro, plural e democrática em relação a disciplina de Língua Portuguesa e abrir mais espaço para o conteúdo de variação linguística nos cursos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre-IFAC, como também, uma proposta metodológica para uma possível aplicação desses pressupostos através da Sequência Didática Interativa. Já em relação à metodologia, a abordagem será qualitativa, quanto ao procedimento será bibliográfico de natureza básica e objetivo exploratório. O aporte teórico desse trabalho terá amparo na Sociolinguística Variacionista de Labov (2018) e na corrente brasileira conhecida como Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2018, 2019^a, 2019b) e Bagno (2007, 2020).

¹ Trabalho publicado na Revista Conexão na Amazônia, v. 2, n. 1, p. 28-45, 2021. Disponível em: <http://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/11>

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Sociolinguística Educacional. Sequência Didática Interativa.

ABSTRACT

The present work aims to bring to light contributions that an approach based on Educational Sociolinguistics can make teaching more attractive and provide students with a more macro, plural and democratic view of the Portuguese Language discipline and open more space for the linguistic variation content in the integrated courses of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre-IFAC, as well as a methodological proposal for a possible application of these assumptions through the Interactive Didactic Sequence. In relation to the methodology, the approach will be qualitative, as the procedure will be bibliographical of a basic nature and exploratory objective. The theoretical contribution of this work will be supported by Labov's Variationist Sociolinguistics (2018) and by the Brazilian current known as Educational Sociolinguistics by Bortoni-Ricardo (2018, 2019a, 2019b) and Bagno (2007, 2020).

Keywords: Linguistic Prejudice. Educational Sociolinguistics. Interactive Didactic Sequence.

3.1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa ainda enfrenta inúmeros problemas de ensino e aprendizagem, temos uma tradição de ensino dessa disciplina muito voltado para a nomenclatura, ou seja, muito atrelado a gramática normativa, o qual já vem sendo há muito tempo questionada por vários linguistas sobre o pouco resultado no desenvolvimento de leitura e escrita dos alunos. Por outro lado, temos um conteúdo magnífico e pouco explorado chamado variação linguística, o qual dependendo da abordagem do professor pode se transformar num rico material de pesquisa para os alunos e proporcionar uma visão mais macro, plural e democrática em relação ao ensino de Língua Portuguesa.

A falta de um trabalho mais voltado a variação linguística vem acarretando no ensino uma acentuada desvalorização da carga linguística que os alunos trazem ao chegar à instituição e a confusão criada entre gramática normativa e Língua Portuguesa, a qual muitas vezes são tidas como sinônimos.

Nos cursos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre-IFAC, principalmente nos campi do interior, recebemos alunos de uma condição social baixa, os quais chegam à instituição com

problemas de leitura e escrita e com baixa autoestima em relação a disciplina de Língua Portuguesa.

Já em relação à oralidade, muitos tem vergonha de se expressar, principalmente quando é solicitado pelos docentes apresentação de seminários ou outras atividades correlacionadas a esse gênero de avaliação. Assim, se o docente nas primeiras aulas, começa a trabalhar exclusivamente com gramática normativa e conceitos de certo e errado, poderá acarretar um choque nesses alunos e gerar automaticamente uma desvalorização da bagagem linguística que esse aluno traz, a qual é tida na maioria das vezes como inferior, atrasada e insuficiente.

Dessa forma, a variação linguística apresentada pelos alunos pode se transformar, dependendo da abordagem do professor, em um material riquíssimo para o início de um trabalho na disciplina de Língua Portuguesa ou em um material que proporcione preconceitos e estigmatização.

O aporte teórico desse trabalho terá amparo na Sociolinguística Variacionista de Labov (2018) e na corrente brasileira conhecida como Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2018, 2019^a, 2019b) e (BAGNO 2007,2020).

Estaremos sempre fazendo referência à gramática normativa, muitas das vezes, com um tom bastante crítico, mas de forma alguma pregando a exclusão do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa.

Outro fator que se faz necessário esclarecer é em relação à nomenclatura relacionada a variante de prestígio, a qual a gramática normativa tenta descrever, preferimos chamar essa variante de norma padrão e não de língua culta devido as inconsistências e contradições desse último termo.

A Sociolinguística revela que toda língua apresenta variações e que estas são motivadas por aspectos tanto linguísticos quanto sociais. Um dos principais objetivos da pesquisa sociolinguística é compreender que fatores motivam a variação linguística e qual a relevância desses fatores para o desencadeamento da mudança que está em curso, ou seja, o fator social tem que ser levado em conta no ensino de língua, principalmente num país com uma desigualdade social imensa como o nosso.

Há um conteúdo magnífico e pouco explorados tanto pelos docentes, como também nos livros didáticos, chamado variação linguística, a qual sempre

foi colocado em segundo plano no ensino de Língua Portuguesa e muitas das vezes sendo motivo de piadas e estigmatização. A Sociolinguística pode proporcionar uma maneira mais fácil de compreender a língua, utilizando como objeto de estudo as várias possibilidades de realizações de um idioma.

Dentro desse contexto, a Sociolinguística Educacional vem desconstruindo dogmas, contrariando práticas tradicionais de ensino de Língua Portuguesa e quebrando paradigmas, primando sempre, por uma visão macro de língua (variação linguística) em detrimento do micro (gramática normativa) e consequentemente motivando o aluno para uma aprendizagem crítica e significativa.

3.2 METODOLOGIA

Em relação a abordagem da pesquisa será qualitativa, a qual está em convergência com a proposta desse trabalho apresentado na introdução. Gerhardt e Silveira (2009) nos trazem importante esclarecimento:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.32)

Corroborando com esse entendimento Marconi e Lakatos (2019) “a pesquisa qualitativa objetiva obter uma compreensão particular do objeto que investiga. Como focalizar sua atenção no específico, no peculiar, seu interesse não é explicar, mas compreender os fenômenos que estuda dentro do contexto em que aparecem”. (MARCONI e LAKATOS, 2019, p.300).

Todas as duas citações acima são bastante esclarecedoras em relação a ação do pesquisador que se utiliza da abordagem qualitativa, (GIL 2019b) fazendo uma diferença entre abordagem qualitativa e quantitativa finda nos mostrando que a abordagem qualitativa está totalmente alinhada com os objetivos desse trabalho:

a pesquisa quantitativa tem como fundamentos os pressupostos da abordagem positivista, que admite a existência de uma única realidade

objetiva. Já a pesquisa qualitativa, embora decorrente de múltiplas tradições, baseia-se no pressuposto de que a realidade pode ser vista sob múltiplas perspectivas. (GIL 20019b, p.176)

Dessa forma, assim como a Sociolinguística procura desenvolver o ensino de Língua mais macro (variação linguística) em detrimento do micro (gramática normativa), percebe-se que tanto a abordagem qualitativa como a Sociolinguística buscam um olhar mais plural em relação ao objeto de estudo.

Em relação ao procedimento faremos uso de revisão bibliográfica “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em materiais já publicados: livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. (GIL 2019^a, p.28).

No tocante a natureza da pesquisa desse trabalho é básica “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. (GERHARDT e SILVEIRA,2009, p. 34).

Já em relação aos objetivos da pesquisa será de caráter exploratórios. Segundo Gil (2019^a): “a pesquisa exploratória tem por propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado”. (GIL, 2019, p.26).

Dessa forma, a pesquisa exploratória tem estreita relação com a pesquisa qualitativa adotada nesse trabalho, ambas têm como características a flexibilidade, a familiaridade do pesquisador com o problema e a pluralidade na investigação. Outra característica da pesquisa exploratória é preencher lacunas que costumam aparecer em um estudo, no caso desse trabalho, como já mencionado, busca uma melhora no ensino de Língua Portuguesa, no conteúdo de variação linguística, à luz da Sociolinguística Educacional.

3.3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.3.1 BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA

Língua e sociedade são termos inerentes, haja vista também que a primeira é um bem cultural de uma nação, nesse sentido, há sempre estratificações sociais que dividem a sociedade geralmente em classe baixa,

média e alta, conseqüentemente dentro dessa divisão tripartida existem diferenças de oportunidades de estudo e também da qualidade do ensino recebido por essas três classes sociais. Não é objetivo aqui fazer um estudo detalhado dessas classes, mas propor uma análise da importância no ensino de língua materna de um olhar mais atento para o público que vai estar em sala de aula nos cursos integrados do IFAC e principalmente valorizar a carga linguística que as classes menos abastadas dos alunos trazem.

Antes de abordarmos o nascimento da Sociolinguística precisamos fazer algumas considerações sobre o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). Considerado o pai da linguística moderna e o divisor de águas nos estudos linguísticos, pois até então os ensinamentos da linguística se apresentavam muito difusos e sem um objeto de estudo definido. Saussure definiu objeto de estudo da linguística, onde o mesmo faz uma dicotomia entre língua e fala, optando por colocar a língua no centro dos estudos linguísticos, fato comprovado no Curso de Linguística Geral publicado em 1916. Logo após a publicação do curso de Linguística Geral nasceu a corrente linguística conhecida com o nome de estruturalismo baseada nos ensinamentos de Saussure, considerado nos estudos da linguística como o fundador dessa corrente. Outro fato de extrema relevância que Saussure nos deixou foi dar o status de ciência a Linguística.

O estruturalismo se caracteriza por fazer um estudo da língua sem levar em consideração fatores externos que possam influenciar na variação linguística, ou seja, somente tem preocupação de estudar a língua como sistema fechado, preocupando-se exclusivamente com os níveis de organização fonológico, morfológico, sintático e semântico, dessa forma, deixa de lado todos os fatores externos que influencia uma língua viva.

A partir da década de 1960, as ideias estruturalistas que contribuíram muito para a supervalorização das regras gramaticais e conseqüentemente desvalorização das variações linguísticas foram cedendo espaço aos estudos da linguagem voltados para uma concepção de língua como fato social, nascendo então a Sociolinguística.

Bortoni-Ricardo (2019b) alerta que antes do nascimento da sociolinguística variacionista norte americana, já havia pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas, a autora cita, como exemplos, grandes nomes dentro do ensino da linguagem:

Meillet (1866-1936), Bakhtin (1895-1975) e membros do Círculo Linguístico de Praga, os quais já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza sociolinguística, entretanto nenhum deles trazia em seus trabalhos o termo Sociolinguística.

Dentro desse contexto não poderíamos deixar de citar uma figura basilar no nascimento da Sociolinguística, William Labov (2018), linguista norte americano, o qual explana que objeto de estudo da Sociolinguística é a evolução da linguagem no meio do contexto social da comunidade linguística. É William Labov quem inaugura os estudos desta nova disciplina em 1963, quando analisa o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA). Após esta pesquisa, várias outras surgiram: como a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966); a língua do gueto, entre outros. É a partir dos estudos labovianos que surge a corrente denominada linguística variacionista, a qual serviu para influenciar a corrente que hoje se destaca como Sociolinguística Educacional, essa última, vem cada vez mais ganhando espaço e credibilidade dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

3.3.2 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL NO CONTEÚDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.

A Sociolinguística dentro dessa relação de língua e sociedade pode contribuir muito no ensino da Língua Portuguesa, pois vai fazer tanto o docente como os discentes refletirem na interferência causadas por fatores sociais, como identidade, raça, classe social e histórica nos discursos dos alunos, conseqüentemente contribui com a interdisciplinaridade com os componentes curricular de Sociologia, História, Geografia e Filosofia.

Nesta sessão, além de colocarmos as contribuições da Sociolinguística Educacional, faremos também, questionamentos sobre determinadas práticas nas aulas de Língua Portuguesa, desmistificando mitos e quebrando paradigmas, sempre embasados em autores de renome dentro da área da Sociolinguística Educacional.

Corroborando com esse entendimento Bortoni-Ricardo (2020) relata que o estudo e o conhecimento advindo da corrente Sociolinguística Educacional

pode contribuir para melhorar a qualidade do ensino da Língua Portuguesa, porque trabalha sobre a realidade linguística dos usuários dessa língua, levando em conta além dos fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) também os fatores de ordem externa à língua (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, entre outros).

Há uma concepção entre os alunos, ou pelo menos, na maioria das vezes, terem a gramática normativa como sinônimo de Língua Portuguesa, apesar de termos inúmeros trabalhos já publicados a respeito do tema, ainda estar muito presente no ensino dessa disciplina essa forma de os alunos enxergarem a língua. Há também pouco trabalho por parte dos docentes em desmistificar esse ponto. A gramática é um componente constitutivo da língua, melhor dizendo, um dos componentes, além de outros igualmente determinantes. Não representa, portanto, a totalidade da língua.

A língua é um enorme iceberg flutuante no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dela, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem o seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. (BAGNO, 2007, p.10)

Fica claro na citação acima que a gramática normativa não representa a totalidade da língua, não podendo, dessa forma, ser sinônimo de Língua Portuguesa dentro das aulas dessa disciplina.

Dependendo da concepção de ensino de gramática exposta pelo professor, corremos o risco de estarmos propagando a redução da Língua Portuguesa a uma única variedade socialmente prestigiada, no caso em questão a gramática normativa, deixando de lado toda uma variedade de fenômenos linguísticos que poderiam ser trabalhados dentro da sala de aula, ou seja, saindo de um ensino extremamente prescritivista e normatizado para uma abordagem que incentivasse a pesquisa entre os alunos para entender a língua em sentido macro.

Excelente exemplo nos traz Bagno (2007) sobre a diferença entre língua e gramática normativa de forma bem simples e objetiva, na qual o autor faz uma

comparação entre a água de um igapó e as águas de um rio para exemplificar essa diferença:

Igapó é um trecho de mata inundada, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia. Parece-me uma boa imagem para a gramática normativa. Enquanto a língua é um rio, caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimentação, se renova incessantemente (BAGNO, 2007, p. 10).

Nesse sentido, vale ressaltar que a nossa gramática normativa foi inspirada na gramática portuguesa e até os dias atuais vem trazendo casos de usos arcaicos e que não se adequam a realidade prática de uso da língua, como por exemplo, na regras de colocação pronominais especificamente na mesóclise, a qual praticamente nenhum brasileiro fala e muito menos escreve usando pronome oblíquos no meio do verbo como nas expressões seguintes: convidar-me-ão para a solenidade de posse da nova diretoria ou convidar-te-ia para viajar comigo para a Europa, ou seja, nossa gramática normativa está estagnada igual ao igapó citado por Marcos Bagno acima, fora isso, ainda temos as inúmeras regras que praticamente não tem nenhuma aplicabilidade nos dias atuais.

Bortoni-Ricardo (2020) relata que pesquisas fundamentadas na Sociolinguística Educacional mostram que é possível desenvolver práticas de linguagem significativas, no sentido de incluir alunos oriundo das classes sociais menos favorecidas, fazendo com que esses alunos deixem de se sentir estrangeiros em relação à língua utilizada pela escola e com isso consigam participar de forma satisfatória das práticas sociais que demandam conhecimentos linguísticos diversos.

Fato que me chamou muita atenção no entendimento da autora foi: práticas de linguagem significativas. A Sociolinguística provoca essa reflexão em relação ao que vale mesmo a pena ser trabalhado em sala de aula, por outro lado, precisa-se urgentemente de uma revisão geral em relação a gramática normativa e retirar regras insignificantes e arcaicas que não vão contribuir nem na escrita e nem na oralidade dos nossos alunos. A gramática tem seu lugar sim no ensino de Língua Portuguesa, mas esse lugar tem que ser revisto para não

continuarmos perpetuando em nossos alunos que gramática normativa e Língua Portuguesa são sinônimos.

Outra questão crucial em relação ao ensino de língua materna é termos nas aulas uma concepção mais democrática e valorativa da carga linguística que os alunos trazem do seu convívio social, antes de ingressarem no ensino médio integrado do IFAC, na maioria das vezes, essa carga linguística por não atender aos preceitos da gramática normativa é estigmatizada principalmente pelos alunos que chegam com uma base melhor de leitura e escrita.

Nas duas últimas décadas, os educadores brasileiros, com destaque especial para os linguistas – seguindo uma corrente que nasceu da polêmica entre a postura que considera “erro” uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados “erros” como uma situação de diferença entre as duas variedades – têm feito um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e da escola, e mostra aos professores como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. (BORTONI-RICARDO, 2018, p.37e38)

Neste caso, podemos trazer isso para o ensino de Língua Portuguesa, onde temos que ter muito cuidado para não inviabilizarmos um ensino mais plural e diversificado de língua, primando sempre pelos aspectos macros da língua (variações linguísticas) em detrimentos dos aspectos micros (gramática normativa).

A escola não pode discriminar o estudante pelo seu jeito de se comunicar. Pois, essa maneira de falar representa muito mais que um processo comunicativo, pois é a identidade do falante. Nela é possível perceber de onde vem este falante, a que classe social pertence, que cultura possui, esse olhar social faz toda a diferença no ensino dessa disciplina.

Não estamos em nenhum momento, nesse trabalho, pregando a situação que “vale tudo”. O ensino de gramática normativa tem que ser feito nos cursos integrados, porém não podemos coloca-la como sendo o núcleo mais importante e soberano nas aulas de Língua Portuguesa.

Bagno (2020) faz referências a várias frases que são tidas como verdades inquestionáveis no tocante a Língua Portuguesa, o autor vai desmitificando cada uma delas ao longo do livro e chega a coloca-las como mitos. Uma que me

chamou bastante a atenção foi a frase: “é preciso saber gramática normativa para falar e escrever bem”. Para comprovar a inveracidade dessa frase ele citou grandes escritores da literatura como Rubens Braga, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, os quais em vida deixaram textos fazendo referência a falta de conhecimentos deles com as regras gramaticais, Drummond, por exemplo, tem um poema muito conhecido chamado Aula de Português, no qual o autor se sente um ignorante no tocante as regras gramaticais, ou seja, não são regras insignificantes e complexa como a tal da análise sintática que vai fazer o aluno escrever bem ou decorar aquelas listas enormes de casos que se usa a crase e os casos que não se usa, que vai ajudar o aluno a produzir bons textos. Já há inúmeros estudos consolidados que escrita só se melhora com atividades de leituras bem organizadas e com práticas de escrita constante em sala de aula.

3.3.3 REFERENCIAL LEGAL

A Sociolinguística ganha bastante destaque, juntamente com o esforço de inúmeros pesquisadores, os quais começam a questionar, por exemplo, o excesso de ensino de gramática na escola, com regras obsoletas e fora da realidade do estado em que nossa língua se encontra, conseqüentemente é observado um baixo rendimento dos alunos em leitura e escrita ao concluírem o ensino médio. Tais estudos promovem a inclusão nos documentos oficiais de pressupostos defendidos pela Sociolinguística Educacional.

Nesse sentido, iremos fazer uma breve reflexão sobre o que versa os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) e a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre o ensino de Língua Portuguesa.

O parâmetro curricular nacional (PCN) de primeira à quarta série em uns de seus tópicos versa que:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geograficamente e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Fica latente, na citação acima, que o professor de Língua Portuguesa tem que trabalhar a disciplina mostrando aos alunos que o valor de uma variante ser considerada melhor do que a outra está carregada de valores sociais, preconceituosos e não de um valor linguístico, ou seja, ao considerar as variantes que não é a de prestígio social de forma errada e inferior, estamos promovendo mais um dos inúmeros preconceitos existentes em nossa sociedade, no caso, o preconceito linguístico.

Já os parâmetros curriculares nacionais (PCN) do terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental trazem que o ensino de Língua Portuguesa deve oferecer condições para que o aluno desenvolva seus conhecimentos sabendo:

Ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
Refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p.59).

Neste outro documento, há uma preocupação com a estigmatização linguística que pode ser provocada por uma prevalência excessiva de um ensino prescritivo, voltado mais para classificação de nomenclaturas presentes na gramática normativa, em detrimento de um ensino voltado para leitura e escrita. A variação linguística deve ser vista como fonte importante na construção da competência comunicativa do aluno.

Corroborando com os documentos citados acima vem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 81).

No tocante à recente BNCC, na citação acima, fica claro também a preocupação com uma abordagem mais macro (variação linguística) em detrimento de uma abordagem micro (gramática normativa).

O que chama muita atenção nos documentos é que desde os primeiros anos de escolarização, já trazem orientação sobre valorizar a variação linguística em sala de aula, combater o preconceito linguístico e a estigmatização. Porém, essas recomendações ficam mais na teoria do que na prática, os livros didáticos em geral fazem vista grossa para esses documentos, como relatado anteriormente, muitas das vezes livros com mais de 200 páginas trazem duas ou no máximo três páginas sobre variação linguística, ou seja, de forma ainda muito tímida.

Vale ressaltar que mesmo a Sociolinguística sendo inserida tardiamente nos cursos de Letras Vernáculas nas universidades, não justifica o pouco trabalho em sala de aula por parte dos docentes com os pressupostos da Sociolinguística, pois já temos vários trabalhos de dissertações de mestrado e doutorado em vários repositórios espalhados nas várias instituições de ensino superior, e também, vasta publicações de livros, como por exemplo, dos autores citados nesse trabalho. Se por ventura o professor formou há mais de quinze anos, aonde eram pouquíssimos os cursos de letras que tinham a Sociolinguística na sua grade curricular, hoje ele tem total condição de fazer capacitações e adquirir material de ponta nessa área.

3.3.4 SEQUENCIA DIDATICA INTERATIVA COMO PRESSUPOSTO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE VARIAÇÃO LÍNGUISTICA SOBRE O PRISMA DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL.

Uma alternativa para confecção e aplicação dos pressupostos da Sociolinguística Educacional no conteúdo de variação linguística seria através da Sequência Didática Interativa (SDI). Oliveira (2019) traz uma abordagem moderna e prática em relação ao processo de desenvolvimento da sequência didática, a qual é norteadada pelo que ela chama de Círculo Hermenêutico Dialético (CHD).

A autora define sequência didática como um procedimento simples que deve ter conjunto de atividades conectadas entre si, e que haja um planejamento para delimitação de cada etapa, já em relação aos conteúdos disciplinares que sejam trabalhados de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo de ensino-aprendizagem.

A autora apresenta como passos básicos da sequência didática em termos gerais:

escolha do tema a ser trabalhado; questionamentos para problematização do assunto a ser trabalhado; planejamento dos conteúdos; objetivos a serem atingidos no processo de ensino aprendizagem; delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados (OLIVEIRA, 2019, p.54).

Dado o exposto, percebe-se que uma sequência didática deve ser aplicada na perspectiva do ensino de conteúdos através de atividades que não podem ser aleatórias, ou seja, tem que ser sequenciadas, organizadas com objetivos definidos e claros tanto para os professores, como também, em relação aos alunos, com a intenção de melhorar a aprendizagem e proporcionar suporte no tocante a construção do conhecimento pelos alunos.

Pode servir para a reflexão sobre a própria prática docente através da observação dos alunos no processo de desenvolvimento, desempenho, criatividade e se os mesmos responderam as atividades de forma satisfatória, ora, em qualquer aula se os alunos alcançarem os objetivos propostos é um bom sinal que a pratica pedagógica do docente está no caminho certo.

Oliveira (2019) traz vários componentes que devem ser norteadores dentro do Círculo Hermenêutico Dialético (CHD), será utilizado nesse trabalho aqueles que consideramos mais significativo, como por exemplo, a Hermenêutica, a dialética e a relação dialógica nas aulas.

A Hermenêutica será tomada aqui como ciência da interpretação de forma questionadora e crítica dos textos trabalhados no produto educacional.

A dialética que tem como pressuposto que tudo se relaciona se transformar, nada é estático, esse fator tem estreita relação com a questão da variação linguística no tocante aos fatores externos que influencia nas transformações da língua como já citados ao longo desse trabalho. “É dentro dessa percepção que a SDI trabalha a realidade em toda sua diversidade, sem perder de vista as múltiplas características dos alunos ou atores sociais que estão envolvidos na pesquisa”, (OLIVEIRA 2019, p.67).

A dialogicidade é entendida como uma prática aonde o aluno participa ativamente do processo de construção do aprendizado, com isso, há uma abertura de espaço para que o aluno questione, faça contestação, construa juntamente com o professor seu conhecimento, nessa relação dialógica, o papel do professor em consonância com a teoria 50plied5050racionista de Vygotsky e de orientar e fornece uma base sólida para o aluno ser o protagonista da sua aprendizagem e do seu conhecimento.

A autora acrescenta ainda que é importante encaixar uma teoria da aprendizagem como norteadora da sequência didática, nesse sentido, aconselha o trabalho com Gerard Vergnaud (teoria dos campos conceituais), David Ausebel (teoria da aprendizagem significativa), Vygotsky (sociointeracionismo) e George Kelly (teoria dos construtos pessoais), ficando a critério do professor a escolha mais adequada para atender os objetivos da SDI.

O pressuposto teórico-metodológico da Sequência Didática Interativa, juntamente com a Sociolinguística Educacional podem, dentro dessa relação de língua e sociedade, contribuir muito no ensino de Língua Portuguesa, pois vai fazer o docente e os discentes refletirem na interferência causadas por fatores sociais, como identidade, raça, classe social nos discursos dos alunos, consequentemente contribuir com uma melhor motivação para o aprendizado, pois vão estudar a língua em todo o seu contexto social e real de uso.

3.3.5 CONCLUSÕES

A variação linguística tendo mais espaço nas aulas de Língua Portuguesa e amparada em pressupostos da Sociolinguística Educacional pode auxiliar no tocante a um ensino de língua mais plural, democrático e social, aonde a carga linguística trazida pelos alunos seja valorizada e possa se transformar num material importante para um início de trabalho em Língua Portuguesa. Outra contribuição que esperamos com esse trabalho é proporcionar uma visão macro de língua, que não seja propagada como um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo rico e dinâmico.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49. Ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Línguístico**. 56^o. Ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- BARTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** 1^o.ed. São Paulo: Parábola, 2019^a.
- BARTONI-RICARDO: **Manual de Sociolinguística**. 1^o. Ed. São Paulo: Contexto, 2019b.
- BARTONI-RICARDO, Stella Maris. **Contribuição da Sociolinguística Educacional para o processo de ensino e aprendizagem da Linguagem**. Disponível em: <<http://www.stellabartoni.com.br/index.php/artigos/707-iotaibuicois-ia-soiolioguistiaiiuiaiiioal-paaa-o-paoiisso-iosioo-i-apaiioizagim-ia-lioguagim>>. Acesso em 27 de julho de 2020.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial. 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. **Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série**. Brasília, DF:MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. **Língua Portuguesa: terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2019^a.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2019b.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7^a. Ed. São Paulo: Atlas. 2019.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 8ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. 2ª reimpressão Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

5. SEQUENCIA DIDÁTICA INTERATIVA NO ENSINO DE VARIAÇÃO LÍNGUÍSTICA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever a elaboração e aplicação de uma Sequência Didática Interativa com a finalidade de contribuir para uma melhoria no ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística, sob uma perspectiva mais plural, democrática e social dos Cursos Integrados do IFAC, *Campus Sena Madureira*, e conseqüentemente analisar os resultados e discussões da aplicação desse produto educacional. O aporte teórico é norteado por Oliveira (2019), Antunes (2019), Bortoni-Ricardo (2018), Bagno (2020, 2021). Em relação a abordagem é qualitativa, quanto a natureza é aplicada com objetivos exploratórios. Já em relação ao procedimento será delineada pela pesquisa-ação.

Palavras chaves: Sequencia Didática Interativa, Sociolinguística Educacional, Variação Linguística.

ABSTRACT

This article aims to describe the development and application of an Interactive Didactic Sequence in order to contribute to an improvement in the teaching and learning of linguistic variation content, from a more plural, democratic and social perspective of the Integrated Courses of IFAC, *Campus Sena Madureira*, and consequently analyze the results and discussions of the application of this educational product. The theoretical contribution is guided by Oliveira (2019), Antunes (2019), Bortoni-Ricardo (2018), Bagno (2020, 2021). Regarding the approach, it is qualitative, as nature is applied with exploratory objectives. In relation to the procedure, it will be outlined by action research.

Keywords: Interactive Didactic Sequence, Educational Sociolinguistics, Linguistic Variation.

5.1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido no ensino de Língua Portuguesa (LP) estratégias e metodologias para uma aprendizagem mais significativa e conseqüentemente fazer com que o aluno tenha motivação e sinta-se bem ao estudar essa disciplina na escola.

O Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) traz em seu regulamento que além da confecção da dissertação, haverá a obrigatoriedade de um produto educacional que deve ser aplicado como uma proposta de intervenção.

Nesse sentido, optamos por trabalhar com a Sequência Didática Interativa (SDI), nas concepções de Oliveira (2019). O carro chefe de aplicação dessa técnica é Círculo Hermenêutico Dialético (CHD), o qual já foi explicado com mais detalhe no segundo artigo que compões essa dissertação e será retomado nesse artigo na seção referente a metodologia.

A SDI contribui muito com a interação professor e aluno na construção de novos conhecimento e saberes, nesse caso, pode auxiliar positivamente para o processo de ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística. No âmbito das salas de aulas é necessário que o docente antes de cobrar resultados satisfatórios dos seus alunos, elabore um planejamento, o qual tenha como meta a realização de atividades que tornem as aulas mais atrativas, dinâmicas e produtivas.

Oliveira (2019) relata que a sequência didática surgiu na França no início dos anos de 1980 e tinha como meta melhorar o processo de ensino da língua materna. Sendo uma proposta que visava sair de um ensino fragmentado do idioma francês, em que prevalecia um ensino separado, sem conexões, ou seja, a ortografia, a sintaxe e cada categoria da gramática era ensinada de forma descontextualizada.

Dessa forma, verifica-se que essa realidade descrita pela autora em relação ao ensino da Língua Francesa em 1980 tem muitas características com os problemas atuais do ensino da Disciplina de Língua Portuguesa no Brasil.

Escritores e pesquisadores da área da Sociolinguística Educacional no Brasil, já vêm algum tempo questionando e criticando práticas docentes que

insistem em perpetuar esse tipo de ensino, como também, nos materiais didáticos que trazem atividades descontextualizadas.

A SDI é norteada por alguns procedimentos básicos, os quais vão ser citados aqui e que foram adotadas nesse trabalho na sua forma prática, quais sejam: escolha do tema a ser trabalhado, questionamento para problematização do assunto a ser trabalhado, planejamento do conteúdo, objetivos a serem atingidos no processo de ensino e aprendizagem e delimitação da sequência de atividades a serem trabalhadas e por último avaliação dos resultados.

A limitação do trabalho ficou por conta das restrições da covid 19, nesse caso, não tive contato presencial com os sujeitos da pesquisa, houve algumas dificuldades de participação de alguns alunos nas aulas interventivas realizadas pela ferramenta google meet. Nesse cenário relatado não foi fácil executar e concluir uma pesquisa aplicada sem ter o contato presencial com os sujeitos da pesquisa.

O artigo está composto por esta introdução, a classificação da pesquisa, a teoria da aprendizagem utilizada e o passo a passo da aplicação da SDI serão descritos na seção referente a metodologia.

Os textos das atividades e as respostas dos alunos serão demonstrados na seção relacionada aos resultados e discussões, em seguida será feita a conclusão desse artigo em relação se o produto educacional contribuiu ou não para o ensino e aprendizagem do conteúdo de variação linguística.

5.2 Metodologia

A metodologia nesse trabalho terá a função de conduzir a escolha da teoria educacional para o desenvolvimento e aplicação da sequência didática, como também, a classificação da pesquisa e o tipo de sequência didática. Como já relatado no resumo do trabalho a abordagem é qualitativa porque busca-se uma melhoria no aprendizado dos alunos de natureza aplicada, a qual será feita com a aplicação do produto educacional, no caso a sequência didática, já em relação aos objetivos será exploratório.

Quanto aos procedimentos prevalecerá a pesquisa-ação, pois tem estreita ligação com a pesquisa aplicada, outro motivo também foi tentar romper com pesquisas na área da educação que somente fazem descrição da situação ou

uma avaliação de rendimentos escolares, sem trazer uma proposta de intervenção no problema. Importante definição nos traz Thiollent (2011).

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p.20)

Contribuindo ainda mais com a parte prática desse tipo de pesquisa Gil (2019) fala sobre a elaboração do plano de ação, o qual converge diretamente para o produto educacional proposto por esse trabalho, no caso, a sequência didática e os procedimentos da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação concretiza-se com o planejamento de uma ação destinada a enfrentar o problema que foi objeto de investigação, nesse plano deve haver os seguintes tópicos: quais os objetivos que se pretende atingir; a população a ser beneficiada; a natureza da população com as instituições que serão afetadas; a identificação das medidas que podem contribuir para melhorar a situação; os procedimentos a serem adotados para assegurar a participação da população e incorporar suas sugestões e a determinação das formas de controle do processo e de avaliação de seus resultados (GIL, 2019^a, p.140).

Para finalizar essa seção Thiollent (2011) traz importante consideração em relação a pesquisa-ação aplicada na educação:

na pesquisa-ação, uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação. Isto pode ser pensado no contexto das pesquisas em educação, comunicação, organização e outros. O fato de associar pesquisa-ação e aprendizagem sem dúvida possui maior relevância na pesquisa educacional, mas é também válido nos outros casos (THIOLLENT, 2011, P.75).

Assim, percebe que a pesquisa aplicada exige a participação mais incisiva do pesquisador no contexto estudado, tem que haver uma relação dialógica com os participantes da pesquisa. Nesse sentido a pesquisa-ação vem ao encontro com a pesquisa aplicada, pois procura ver a necessidade dos sujeitos da pesquisa e faz uma proposta de intervenção, ou seja, o centro da pesquisa-ação é aplicação de forma prática de todo o levantamento e conclusão da pesquisa

junto aos sujeitos envolvidos, no caso desse trabalho, será a confecção e aplicabilidade de um produto educacional.

Em relação ao produto educacional fizemos uso da Sequência Didática Interativa (SDI) nas concepções e aporte teórico de Oliveira (2019). Esse instrumento tem dupla função nas pesquisas qualitativas aplicadas a educação: fazer intervenções em determinado conteúdo e servir também como instrumento de coleta de dados, pois os resultados das mesmas vão servir para responder o problema de pesquisa.

No desenvolvimento desse instrumento há um processo dialético, em que são realizados diálogos, críticas, análise, construção e reconstrução na resolução das atividades propostas.

Oliveira (2019) traz como norte da SDI o Círculo Hermenêutico Dialético (CHD), o qual é pautado pela Hermenêutica, Dialética e Dialogicidade no desenvolvimento das aulas interventivas e nas resoluções das atividades. Apesar de já termos citado o conceito desses três termos e a relação com a Sociolinguística Educacional no segundo artigo que compõe essa dissertação, por uma questão didática e de clareza, vamos retomá-los, porém de forma mais objetiva e resumida.

A Hermenêutica será tomada aqui como ciência da interpretação de forma questionadora e crítica dos textos trabalhados no produto educacional.

A dialética que tem como pressuposto que tudo se relaciona se transformar, nada é estático, esse fator tem estreita relação com a questão da variação linguística no tocante aos fatores externos que influencia nas transformações da língua como já citados ao longo desse trabalho.

A dialogicidade é entendida como uma prática aonde o aluno participa ativamente do processo de construção do aprendizado, com isso, há uma abertura de espaço para que o aluno questione, faça contestação, construa juntamente com o professor seu conhecimento.

A pesquisa e a aplicação do produto educacional foram realizadas no campus do IFAC, localizado no município de Sena Madureira, no curso integrado em agropecuária na turma de 2º ano. A sequência didática foi enviada via e-mail institucional aos 25 alunos da turma, infelizmente houve retorno apenas de 20 alunos. Vale ressaltar que há divergência entre os 28 alunos que responderam o questionário no início da pesquisa: três desses alunos desistiram do curso logo

após a aplicação do questionário por fatores pessoais, por isso, a sequência didática só foi enviada aos 25 alunos.

5.3 TEORIA DA APRENDIZAGEM

Oliveira (2019) traz a recomendação que é importante encaixar uma teoria da aprendizagem como norteadora da Sequência Didática Interativa (SDI), nesse sentido, aconselha o trabalho com Gerard Vergnaud (teoria dos campos conceituais), David Ausubel (teoria da aprendizagem significativa), Vygotsky (sociointeracionismo) e George Kelly (teoria dos construtos pessoais), ficando a critério do professor a escolha mais adequada para atender os objetivos da sequência didática interativa.

Dessa forma, nessa SDI será utilizado o embasamento teórico da aprendizagem na tendência Liberal Renovada Progressivista, especificamente na corrente construtivista introduzida por Jean Piaget (1896- 1980), o qual procura instigar a curiosidade, já que o aluno é levado a encontrar as respostas a partir de seus próprios conhecimentos e de sua interação com a realidade e com os colegas. Embora ele seja o mais famoso entre os estudiosos dedicados a investigar o desenvolvimento da inteligência, não foi o único a inspirar essa concepção. Outros nomes compartilharam esse feito, como os psicólogos Lev Vygotsky (1896-1934) e Henri Wallon (1879-1962).

Dentro do construtivista iremos afunilar e trabalhar mais especificamente com o sociointeracionismo do psicólogo bielorusso Lev Vygotsky (1896-1934). Tal escolha se justifica por causa de alguns pontos abordados pelo autor na sua tendência, como ênfase nos processos sociais na aprendizagem, a importância que o mesmo dá a linguagem e a abordagem de signos linguísticos. Nessa teoria fica latente a preocupação de Vygotsky em conhecer o contexto social no qual o indivíduo está inserido para entender a maneira como estrutura seu pensamento.

Vygotsky (2008) traz que o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio. Dessa forma, percebemos que o trabalho proposto nesta sequência didática, no conteúdo de variação linguística, apoiados em pressupostos da Sociolinguística Educacional, a qual por natureza propõe um estudo de língua

que leve as questões sócias do aluno como algo basilar para o início de trabalho em sala de aula está em consonância com o Sociointeracionismo.

Assim, como Vygotsky coloca o fator social no centro da sua teoria, a Sociolinguística faz o mesmo, não tem como querer um ensino de língua mais dinâmico, plural e democrático é que tenha mais participação dos alunos nas aulas, sem levar em consideração os aspectos sócias, pois só há língua viva aonde tem pessoas falando e interagindo em sociedade.

5.4 PASSO A PASSO DA APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.

Após ser feito o seminário para apresentação da pesquisa e a relevância da mesma para o aprendizado de Língua Portuguesa (LP) no conteúdo de variação linguística, aplicação e análise das respostas do questionário, o qual foi apresentado e discutido no primeiro artigo que compõe essa dissertação. Seguimos com a distribuição dos encontros semanais para aplicação das aulas interventivas e resolução das dez atividades que compõe a SDI.

O trabalho de exploração do conteúdo de variação linguística foi executado com três tipos de gêneros textuais: poesia, textos em prosa e charge.

Dessa forma, foram feitos 06 encontros cada encontro com duas aulas de cinquenta minutos.

Primeiro encontro apresentação da SDI e leitura crítica sobre os três textos motivadores, os quais vão servir de base para a resolução das atividades propostas.

Segundo encontro foi dedicado a resolução das duas primeiras atividades da SDI: uma charge e um poema Oswald de Andrade.

Terceiro encontro foi para a resolução da terceira e quarta atividade da SDI: uma poesia de Manoel Bandeira e uma poesia popular.

Quarto encontro foi feito com a finalidade de resolução das atividades quinta e sexta da SDI: o texto em prosa com o título: Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos e um fragmento de um texto sobre variação linguística.

Quinto encontro executamos o trabalho de resolução sétima e oitava atividade da SDI: “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem

português” do escritor Marcos Bagno e a poesia Aula de Português de Carlos Drummond de Andrade.

Sexto encontro foi realizado as resoluções das atividades nove e dez da SDI: um fragmento do texto do autor José Luiz Fiorin e do último texto A língua sem erros de Marcos Bagno.

5.4.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do resultado e aproveitamento da Sequência Didática Interativa (SDI) no aprendizado dos alunos, levou em conta, as respostas dos alunos em relação as atividades que compõe a mesma, sempre dando ênfase para o aspecto qualitativo da pesquisa, ou seja, será analisado se o aluno entendeu o texto trabalhado, como também, se eles se posicionaram de forma reflexiva e crítica sobre os temas abordados na SDI.

Buscando também uma análise mais coesa e objetiva é que não ficasse demasiadamente prolongada, optou-se por selecionar algumas respostas que foram praticamente um consenso entre os alunos, logicamente todo aluno tem suas particularidades na escrita, ou seja, mesmo tendo várias respostas com a mesma interpretação, sempre haverá variações na escrita de cada um deles ao se posicionarem devido aos inúmeros casos de sinônimos que temos na nossa LP.

Outro fator também que contribui para que os alunos chegassem ao consenso sobre as respostas das atividades é a forma dialógica que a SDI foi executada nas aulas.

A primeira tentativa de se fazer a análise e resultados da SDI, usamos somente as repostas dos alunos, porém ao longo desse artigo sentimos que estava ficando descontextualizada e mudamos a metodologia para inserirmos também o texto no qual os alunos fizeram suas análises sobre o conteúdo de variação linguística. Dessa forma, ficou mais coerente a apresentação desse tópico.

Atividade 01



Fonte: <https://www.professoresdeplanta.com.br/blog/post/127/como-identificar-as-variedades-linguisticas-em-uma-prova-de-portugues>

Em relação a Charge acima, verifica-se que houve um problema na comunicação. Argumente com o conhecimento advindo da Sociolinguística Educacional sobre variação linguística, explicando o porquê que a comunicação entre os dois personagens ficou comprometida.

Quadro 01-Resposta da primeira atividade da SDI

Eu acho que a falta de conhecimento sobre variação linguística do personagem que está de terno fez falta, pois ele não levou em consideração o contexto da comunicação e usou a norma padrão, a qual é mais monitorada, nesse contexto, acho que não seria necessário essa linguagem rebuscada. Outra coisa que dificultou a comunicação foi o uso do verbo pega-las-emos. Nesse caso personagem usou uma regra de colocação pronominal que praticamente não é usada no português do Brasil. Na realidade faltou habilidade ao personagem para usar a variação diastrática que é variação

relacionada ao contexto social. Nesse caso aí seria muito mais proveitoso se ele usa-se às gírias da linguagem dos sufistas para ter uma comunicação boa.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Na resposta acima, percebe-se que houve um entendimento satisfatório do texto, há uma compreensão que quanto mais domínios das variações linguística, melhor será a competência comunicativa. Uma das questões que foi dado ênfase nas aulas interventivas foi mostrar aos alunos casos de algumas regras da gramática normativa que não atendem mais o atual estado da língua portuguesa no Brasil, nesse caso, na resposta o aluno cita a palavra pegá-las-emos. Apesar de o aluno não ter citado o nome dessa colocação pronominal, nesse caso é a mesóclise, o importante é que o mesmo entendeu que essa estrutura faz parte de contextos que exigem alto grau de formalidade e, portanto, é de uso mais restrito.

A competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar com qualquer interlocutor em quaisquer circunstâncias (BORTONI-RICARDO, 2018, p.73).

Importante também foi o aluno ter demonstrado conhecimento da variação diastrática, a qual busca estudar a variação dentro dos diversos grupos sociais.

Atividade 02

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso câmara

Me dá um cigarro

Oswald de Andrade, O. Obras completas, volume 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972

No tocante ao poema, percebe-se que o poeta faz uma crítica a colocação pronominal, a qual gramática normativa descreve como sendo a “correta” e a colocação tida como “errada”. Nas discussões nas aulas sobre variação linguística foi discutido sobre a situação de termos hoje no Brasil, uma gramática normativa, que se encontra cheia de dinossauros linguísticos, muito deles atrelados ainda a gramática normativa de Portugal. Sendo assim, discorra sobre a questão tematizada no poema.

Quadro 02 - Resposta da segunda atividade da SDI

Em relação ao poema, nas aulas de colocação pronominal a norma padrão diz que não podemos iniciar frase com pronomes oblíquos como no caso apresentado no último verso do poema. Nesse caso temos a gramática normativa que traz a expressão “Dê-me um cigarro”, eu percebi que na língua falada raramente escutamos alguém falando assim, porém na língua escrita temos que seguir as regras da gramática. Nesse caso, a variação diacrônica que é a variação histórica, ou seja, a língua muda com o tempo ainda não conseguiu ter espaço na gramática com a frase “Me dá um cigarro”. Segundo o professor as mudanças na norma prestigiada são muito lentas.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Na resposta que o aluno ele consegue fazer a diferença entre a norma padrão e a não padrão e também que tem noção que a língua falada e menos monitorada que a língua escrita. Conseguiu também citar a variação diacrônica, chamada também de variação histórica, a qual estuda a mudança da língua ao longo do tempo. Na resposta há também o uso da expressão norma prestigiada, termo esse que foi usado constantemente nas aulas interventivas para se referir a língua padrão.

Bagno (2021) relata que temos uma realidade linguística voltada para dois grandes polos de conflitos: a variação linguística, a qual representa a língua em seu estado permanente de mudança, fluidez e instabilidade. Na outra ponta temos a norma-padrão, na qual é um produto cultural, modelo artificial de língua, criada com o propósito de neutralizar os efeitos da variação linguística.

Dessa forma, não temos como deixar de fora em aulas sobre variação linguística, uma abordagem crítica e reflexiva sobre a norma padrão. O que percebemos também na nossa tradição no ensino de LP é que sempre colocamos esses termos como dicotômicos, acho que nesse ponto há um equívoco, seria muito mais interessante, colocarmos em prática uma pedagogia da variação linguística, sendo complementada pela norma-padrão. Mostrar aos alunos que as variações linguísticas são tão importantes para uma competência comunicativa, quanto o domínio da norma-padrão.

Atividade 03

Evocação do Recife

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

BANDEIRA, Manoel. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Tomando por base o poema acima e as aulas sobre variação linguística, discorra sobre a situação da antítese presente no texto, no qual em um momento o poeta afirma: “língua errada do povo e língua certa do povo”.

Quadro 03 – Resposta da terceira atividade da SDI

No poema eu acho que ele faz referência a linguagem não formal e a formal. O poema faz questão também de diferenciar o português do Brasil do de Portugal. Tem uma valorização com as variações linguísticas do Brasil, isso fica claro na frase “língua certa do povo porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”. Fato interessante no texto como nas aulas de variação e

o professor sempre tocava no distanciamento do português falado no Brasil do de Portugal. A variação da língua portuguesa acontece tanto dentro do nosso país, como também, há diferenças de país para país no uso da língua portuguesa.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Na resposta observa-se que o aluno conseguiu captar a essência da mensagem do poema que é mostrar que a LP varia tanto dentro do Brasil, como também há diferenças significativas no uso desse idioma de um país para o outro. Vale ressaltar que a LP é idioma oficial em nove países, todos colonizados por Portugal.

Atividade 04

(Fragmento)

Sítio Gerimum

Este é o meu lugar [...]

Meu Gerimum é com g

Você pode ter estranhado

Gerimum em abundância

Aqui era plantado

E com a letra g

Meu lugar foi registrado

OLIVEIRA, H. D. **Língua Portuguesa**, n. 88, fev. 2013 (fragmento).

Levando-se em conta as aulas sobre variação linguística e a noção de “erro de português” faça uma breve explanação sobre a situação retratada no poema em relação a palavra “Gerimum”.

Quadro 04 – Resposta da quarta atividade da SDI

Aprendi nas aulas de variação linguística que nesses casos não há erro de português, mas sim de ortografia. Pois português é a nossa língua materna, achei um pouco estranho isso no início das aulas de variação linguística, mas com os exemplos dados foi entendendo melhor. Outra coisa que percebi no poema é um sentimento de uma pessoa que quer se reconhecida e respeitada pela sua variação linguística quando usa a frase “Meu lugar foi registrado”, achei isso bem forte e interessante. Outra coisa também é que o professor explicou sobre letras que tem o mesmo som. No poema J e G tem o mesmo som talvez por isso erramos a sua forma de escrever conforme as regras de ortografia.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Um dos pressupostos importantes na Sociolinguística é que nesses casos não há erros de português e sim de ortografia, no caso foi bem assimilado na resposta. Outro fator observado pelo aluno é em relação ao sentimento do sujeito do poema em reivindicar a valorização e o respeito da sua variação linguística. Nas aulas de variação linguística foi trabalhado a questão que na ortografia existem sons que são representados por mais de uma letra, o aluno conseguiu lembrar disso e relatou na sua resposta.

Bagno (2020) traz à tona a questão da paranoia ortográfica, na qual muitas vezes o professor ao receber um texto de um aluno fica tão fixado em encontrar “erros de português” que praticamente ignora o conteúdo do mesmo. O autor deixa bem claro que saber ortografia não tem nada a ver com sinônimo de saber uma língua. São conhecimentos diferentes, coloca que a ortografia não faz parte da gramática da língua, a qual alguns autores chamam de gramática internalizada.

Ainda em relação a ortografia ele é fruto de um decreto, ou seja, um ato institucional por parte do governo e fica muita das vezes a gosto pessoais de comissões instituídas para esse fim e também por pressões geopolíticas, econômicas e ideológicas. Na realidade a ortografia é algo artificial e muitas das vezes com regras que não atendem mais o atual estado de determinada língua.

Muito corriqueiro são atividades passadas a alunos para que saiam em localidades atrás de placas ou anúncios com “erros de português”. Em cartazes

e placas não aparecem erros de português e sim de ortografia (BAGNO 2020, P.175).

Não é que seja aceito tudo na escrita, mas precisa-se ensinar ortografia de forma crítica e apontando as suas contradições. Conscientizando também os alunos que é importante escrever conforme a ortografia oficial em provas na escola, na redação do ENEM e em futuros concursos que os mesmos irão fazer.

Ainda em relação a resposta do aluno que ele relata que percebeu no poema uma reivindicação do sujeito solicitando respeito com a sua identidade linguística:

A língua é parte de nós mesmo, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: eu sou daqui. Falar, escutar, escrever, ler reafirma cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. (ANTUNES 2019, P.22 e 23).

Dado o exposto, percebe-se que a língua é muito mais do que erros e acertos ortográficos, muito mais do que um conjunto de palavras que pertencem a uma classe e que formam frases em torno de um sujeito e um predicado. O ensino de variação linguística apoiado pela Sociolinguística Educacional pode contribuir no tocante a uma visão, mais macro, plural, democrática e acima de tudo reflexiva e crítica em relação ao ensino da norma-padrão, como também, das variedades linguísticas, ou seja, faz tanto o aluno, como o professor irem muito mais além dessa tabua rasa chamada gramática normativa.

Atividade 05

Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos

Por que não se reconhece a existência de norma nas variedades populares? Para desqualificá-las? Por que só uma norma é reconhecida como norma e, não por acaso, a da elite?

Por tantos equívocos, só nos resta lamentar que algumas pessoas, imbuídas de crença de que estão defendendo a língua, a identidade e a pátria, na verdade estejam reforçando velhos preconceitos e imposições. O português

do Brasil há muito distanciou-se do português de Portugal e das prescrições dos gramáticos, cujo serviço às classes dominantes é definir a língua do poder em face de ameaças - internas e externas.

ZILLES, A. M. S. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

O texto faz referência a uma norma super valorizada em detrimento das demais, outro ponto também relatado são as diferenças do Português do Brasil e de Portugal. Em relação a essas dualidades expressa no texto, tomando por base as aulas interventivas sobre variação linguística, se posicione em relação aos dois temas abordados no texto.

Quadro 05 – Resposta da quinta atividade da SDI

Achei interessante quando foi explicado que a variante de prestígio que a gramática normativa recomenda não é superior as outras variedades pelo aspecto linguístico não, mas sim pelo fator social, pois é cultivada por uma classe de pessoas economicamente superior as outras variedades faladas por pessoas de classes sociais com menos estudos. Nesse caso dependendo da arrogância de alguns podemos cometer preconceito linguísticos com as pessoas que usam as outras variedades. Outra questão abordada no texto e nas aulas de variação linguística são as diferenças do português de Portugal e do Brasil. Temos nossas próprias particularidades no falar e na escrita que nos diferencia muito do português de Portugal, conforme o professor explicou infelizmente a nossa gramática normativa insiste em regras ainda que tem como base a gramática portuguesa.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Na resposta do aluno verifica-se que o mesmo abordou as duas principais temáticas do texto: que são a supervalorização da variedade de prestígio, a qual a gramática normativa tenta fazer uma descrição e as diferenças entre o português de Portugal e do Brasil.

Outro fator que deu muita qualidade na resposta foi em relação ao aluno ter a percepção que existe preconceito linguístico com as variedades linguísticas não prestigiadas.

Já se encontra bem consolidados nas pesquisas desenvolvidas por pesquisadores da Sociolinguística Educacional que essa norma de prestígio do ponto de vista da ciência linguística não tem nada de superior as demais variedades linguísticas. Essa suposta superioridade não passa de um mito que se encontra muito arraigado na sociedade brasileira.

Vale lembrar que essa norma tida como de prestígio foi introduzida no Brasil na época da colonização portuguesa por uma casta de grande poder político e econômico, tendo mais impacto com a chegada da família real portuguesa no Rio de Janeiro. Essa norma é marcada historicamente por uma ideologia excludente e repressora.

Outro fator é que foi inspirada em fontes muito distantes da realidade cotidiana dos falantes de nosso país, como por exemplo, a escrita literária mais consagrada e a gramática latina. Nessa perspectiva se criou a cultura que tudo que fugisse a essa norma de prestígio era um defeito da língua, que precisava ser corrigido, ou seja, essa norma de prestígio já trazia em seu bojo preconceito e estigmatização com as demais variedades linguísticas.

Antunes (2019) relata que não existem usos linguísticos melhores ou mais certo que outros, o que há na realidade são usos que ganharam mais aceitação, mais prestígio que outros por razões sociais impulsionados pelo poder econômico e político da comunidade que adota esse uso. “Não é por acaso que a fala “errada” seja exatamente a fala da classe social que não tem prestígio nem poder político”. (ANTUNES. 2019.P.30).

Um ensino de língua que queira cultivar a pluralidade cultural dos alunos e a rejeição ao preconceito linguístico, que na realidade se transforma na prática é num preconceito social, deve começar pela valorização das variantes linguísticas que precisam ser cultivadas, estudadas e valorizadas durante a educação, infantil, ensino fundamental e médio conforme os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a nova Base Nacional Comum preconizam em seus artigos, já citados e explorados no artigo anterior que compõe essa dissertação.

Atividade 06

(Fragmento)

Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como ter por haver em construções existenciais (tem muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para mim fazer o trabalho), a não-concordância das passivas com se (aluga-se casas) são indícios da existência, não de uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implicar juízo de valor.

CALLOU, D. **Gramática, variação e normas**. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (Orgs). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007 (fragmento).

Tomando por base a visão da Sociolinguística Educacional em relação as normas linguísticas e também em relação às variedades linguística, a qual é inerente a qualquer língua, faça uma breve exposição com base no texto acima.

Quadro 06 – Resposta da sexta atividade da SDI

O que percebi pelos exemplos no texto que até dentro de falantes que dominam a norma padrão existe variação linguística, eu achava que só havia variação diatópica que são as variantes regionais do brasil, o falar do gaúcho, carioca, mineiro etc.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária.

Na resposta acima, o aluno conseguiu quebrar outro mito, no qual as pessoas acham que não há variação entre as pessoas com alta escolarização que dominam a norma padrão. Os usos de “ter” em lugar de “haver” que a norma padrão tanto reprova já é hoje usado por várias pessoas altamente escolarizadas. Lembrando agora do poema “Tinha uma pedra no meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade, um dos nossos maiores poetas contrariou a norma padrão na construção desse poema.

Atividade 07

“Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”

E essa história de dizer que “brasileiro não sabe português” e que “só em Portugal se fala bem português”? Trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola.

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.

Na língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão: no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as tremendas diferenças de pronúncia, no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros costumam a reconhecer, porque não fazem parte de nosso sistema fonético. E muitos estudos têm mostrado que os sistemas pronominais do português europeu e do português brasileiro são totalmente diferentes.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

No texto o autor faz uma crítica a postura do senso comum que brasileiro não sabe português, em seguida relata o distanciamento na fala da pronúncia do Brasil do português de Portugal. Com base no texto e levando em consideração a visão da Sociolinguística Educacional, se posicione sobre a temática do texto.

Quadro 07 – Resposta da sétima atividade da SDI

Em relação ao texto e as aulas sobre variação linguística foi explicado a diferença entre língua Portuguesa e gramática normativa. Eu não sabia dessa diferença, achava que tudo era a mesma coisa. A frase que português é muito difícil eu mesmo vivia falando isso. Achei interessante diferenciar língua materna de gramática, nas aulas ficou claro que todo falante nativo de uma língua sabe falar essa língua com competência comunicativa. O professor relatou que na escola o aluno vai aprimorar esse conhecimento com leitura e escrita.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Na resposta verifica-se que o objetivo da atividade foi alcançado que os alunos tomassem ciência que gramática normativa e LP não são sinônimos. Pois a língua é como fosse o mar e a gramática normativa é apenas um barquinho nesse mar volumoso de renovação, de pesquisa, de reflexão que é a nossa LP.

Faraco (2019) coloca que o trabalho com a reflexão sociolinguística vai fazendo com que os alunos compreendam o papel da Disciplina de Língua Portuguesa, que não é para negar a carga linguística que eles trazem do seu convívio efetivo e social, não para negar o que já sabem, mas para ampliar sua competência comunicativa construindo sua própria autonomia.

Atividade 08

Aula de Português

A linguagem

na ponta da língua,

tão fácil de falar

e de entender.

A linguagem

na superfície estrelada de letras,

sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. **Esquecer para lembrar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

No poema há um relato de dois tipos de norma. Em relação às duas normas faça um breve comentário levando-se em conta os textos motivadores que estão no início da sequência didática e também a temática do poema.

Quadro 08 – Resposta da oitava atividade da SDI

No poema temos o relato da linguagem falada menos formal e da linguagem padrão é ensinada na escola pela gramática. Na primeira estrofe percebi que ele está se referindo a linguagem menos formal a utilização da nossa língua materna sem o controle da gramática normativa. Já na segunda estrofe parece que ele está se referindo a gramática, pois a palavra estrelada dar uma ideia de algo que está longe, distante. Parece que ele tem que deixar de lado o jeito que falava e se comunicava de forma espontânea. Conforme a Sociolinguística todas as variedades tem seu valor, não é porque estou na escola que não vou falar mais de forma menos informal com as pessoas.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Na resposta o aluno dividiu o poema e fez uma análise do que se tratava do ponto de vista da variação linguística e no final da sua resposta se posicionou de forma crítica e reflexiva.

Em relação ao poema ele retrata muito bem o sentimento de milhares de alunos ao chegarem à escola em relação a Disciplina de Língua Portuguesa. Isso é impulsionado com a falta de um trabalho mais preciso com o conteúdo de variação linguística.

O processo de socialização linguístico de um estudante começa na família, depois com os amigos até ele chegar na escola, ou seja, o aluno sai de uma cultura essencialmente oral e se depara na escola com uma cultura permeada pela leitura e escrita. Nesse caso, o choque se dá, na maioria das vezes, pela não valorização do que o aluno traz no seu repertório linguístico, como também, pela super valorização que se dá a gramática normativa nas aulas de LP.

No lugar de trabalhar com certo e errado, porque não trabalhar com conceitos de linguagem adequada e inadequada? Não abrindo mão, como já citado ao longo desse trabalho da linguagem formal. O uso da língua é rodeado de práticas sociais e muitas delas são extremamente especializadas, ou seja, exigem um vocabulário específico. Pois o contexto social é que vai ditar se vamos nos expressar de forma mais formal ou informal.

Atividade 09

(Fragmento)

“A variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam numa região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão num desses grupos, dá uma identidade para os seus membros. Aprendemos a distinguir a variação. Quando alguém começa a falar, sabemos se é de São Paulo, gaúcho, carioca ou português. Sabemos que certas expressões pertencem à fala dos mais jovens, que determinadas formas se usam

em situação informal, mas não em ocasiões formais. Saber uma língua é ser “poliglota” em sua própria língua. Saber português não é só aprender regras que só existem numa língua artificial usada pela escola. As variações não são feias ou bonitas, erradas ou certas, deselegantes ou elegantes, são simplesmente diferentes. Como as línguas são variáveis, elas mudam.”

(FIORIN, José Luiz. **“Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico”**. In O direito à fala. A questão do preconceito linguístico. Florianópolis. Editora Insular, pp. 27, 28, 2002.)

Em relação ao texto, faça uma exposição filtrando as palavras chaves e acrescentando sua posição em relação a variação linguística. Os textos motivadores podem servir como suporte também para sua exposição.

Quadro 09 – Resposta da nona questão da SDI

O texto faz um resumo das variantes estudadas nas aulas de língua portuguesa e relata que todas elas devem ser valorizadas, porque como foi falado nas aulas, por traz dessas variantes temos pessoas de classes sociais diferentes e devem ser respeitadas, pois a sua forma de falar faz parte da sua identidade. O texto relata a variação diastrática que são as diferenças conforme o grupo social nesse caso relata a questão da idade, ou seja, os mais novos têm gírias que talvez uma pessoa mais idosa não consiga entender. Cita também a variação diatópica que é a referente aos falares regionais do Brasil quando é citado: “Quando alguém começa a falar, sabemos se é de São Paulo, gaúcho, carioca ou português”. No final do texto o autor traz umas das coisas bacanas da Sociolinguística que é relatar: “as variações não são feias ou bonitas, erradas ou certas, deselegantes ou elegantes, são simplesmente diferentes. Como as línguas são variáveis, elas mudam”.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Fica latente que as aulas interventivas sobre variação linguística amparada na Sociolinguística Educacional surtiram efeitos positivos, pois verifica-se que o aluno conseguiu identificar no texto algumas variações linguísticas, como por exemplo, variação diastrática e diatópicas. Além disso, no final da resposta o aluno transcreve uma passagem bem importante no texto que

é em relação a valorização e respeito que devemos ter com todas as variedades linguísticas.

Antunes (2019) nos alerta que o fato de a norma padrão corresponder a norma socialmente prestigiada, não pode ser colocada para os alunos como a única a ser validada como legítima representante da língua. Nesse sentido a sua valorização positiva, como já discutido ao longo desse texto é proporcionada por fatores socioeconômicos e não por fatores linguísticos.

Atividade 10

A língua sem erros

Nossa tradição escolar sempre desprezou a língua viva, falada no dia a dia, como se fosse toda errada, uma forma corrompida de falar “a língua de Camões”. Havia (e há) a crença forte de que é missão da escola “consertar” a língua dos alunos, principalmente dos que frequentam a escola pública. Com isso, abriu-se um abismo profundo entre a língua (e a cultura) própria dos alunos e a língua (e a cultura) própria da escola, uma instituição comprometida com os valores e as ideologias dominantes. Felizmente, nos últimos 20 e poucos anos, essa postura sofreu muitas críticas e cada vez mais se aceita que é preciso levar em conta o saber prévio dos estudantes, sua língua familiar e sua cultura característica, para, a partir daí, ampliar seu repertório linguístico e cultural.

BAGNO, Marcos. **A língua sem erros**. Disponível em:

<http://marcosbagno.files.wordpress.com>. Acesso em: 15 maio. 2021.

O texto acima de autoria do professor e pesquisador Marcos Bagno, um dos grandes da corrente chamada de Sociolinguística Educacional no Brasil. Propõe uma quebra de paradigma no ensino de Língua Portuguesa em relação ao repertório linguístico que os alunos já trazem ao chegar à escola. Levando-se em conta as aulas sobre variação linguística, apoiadas pela Sociolinguística Educacional, se posicione criticamente sobre a temática abordada no texto.

Quadro 10 – Resposta decima da SDI

Tive um pouco de dificuldade para entender o texto, mais acho que a mensagem que o autor quis dizer é também lembrando de algumas coisas que
--

o professor falou nas aulas no google meet é que seria interessante se o ensino de língua portuguesa fosse iniciado com professor mais ouvindo o falar dos alunos e ter isso como um começo para ensinar os conteúdos de leitura e escrita. Seria mais ou menos valorizar às variações linguísticas dos alunos.

Fonte: alunos do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agropecuária

Em relação à resposta e levando em conta a complexidade do tema, houveram respostas satisfatórias com o que foi solicitado na pergunta. Nesse caso o texto propõe uma quebra de paradigma nas aulas de LP, que o trabalho seja iniciado a partir da perspectiva do repertório linguístico dos alunos e sucessivamente ir se trabalhando as normas da língua escrita. Dessa forma, os alunos não iriam se sentir ao chegarem na escola, como um estrangeiro, em relação a sua própria língua.

A língua só se materializa em sociedade e nossa sociedade é heterogênea, múltipla é variável, conseqüentemente vamos ter usos diversificados dentro da própria língua, os quais devem ser estudados e não discriminados e estigmatizados.

Precisamos instituir uma pedagogia da variação linguística, como sugerido por vários autores da Sociolinguística Educacional, que as aulas de LP deixem de se trabalhar esses exemplos de língua descontextualizados, artificial, língua das frases soltas que não tem como referência uma situação real de uso, um sujeito concreto, não abrindo mão de ensinar a norma-padrão transcrita na gramática normativa, mas que isso seja feito de forma crítica e questionadora.

5.4.2 CONCLUSÃO

Considerando o trabalho desenvolvido nas aulas interventivas com os pressupostos da Sociolinguística Educacional e os resultados obtidos nas respostas dos alunos nas atividades da Sequência Didática Interativa, percebe-se uma qualidade e uma evolução dos alunos sobre o conteúdo de variação linguística em relação as repostas do questionário aplicado no início da pesquisa, no qual foi analisado os resultados e feita as discussões no primeiro artigo dessa dissertação.

Houve uma acentuada melhora, tanto em relação às classificações das variedades linguísticas, como também, verifica-se uma visão mais macro, plural e crítica dos alunos em relação ao ensino de Língua Portuguesa.

Referencias

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial. 2018.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56^o. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

THIOLLENT, **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. 4^o. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

6 Considerações finais

O ensino de Língua Portuguesa é parte essencial para uma formação emancipatória, pois o discente independentemente da sua área de formação superior, posteriormente quando estiverem desenvolvendo sua profissão vão precisar se expressar tanto oralmente, quanto por meio da escrita de forma competente nos mais variados ambientes, sejam locais mais formais ou menos formais.

Em relação à pesquisa realizada nesse trabalho, no qual se debruçou para responder ao problema de pesquisa: quais as implicações ao ensino de variação linguística por meio de uma intervenção pedagógica pautada na Sociolinguística Educacional?

Analisando e comparando com o instrumento de coleta de dados apresentados no primeiro capítulo, no caso, aplicação de um questionário semiestruturado que teve a intenção de verificar quais conhecimentos prévios os alunos tinham sobre o conteúdo de variação linguística.

Verificou-se depois das aulas interventivas e aplicação da Sequência Didática Interativa (SDI) uma melhora na qualidade das respostas em comparação com o questionário aplicado no início da pesquisa.

Outro fator verificado foi uma evolução referente aos aspectos críticos dos alunos, conseqüentemente fizeram uma abordagem questionadora e principalmente passaram a ter uma visão plural, democrática e social em relação à Língua Portuguesa. Fatos esses verificados no terceiro capítulo desse trabalho no tópico de resultados e discussões da aplicação da SDI.

O ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa numa perspectiva sociolinguística tanto nessa pesquisa como nos trabalhos consultados e citados nessa dissertação, apontam para uma melhora significativa no aprendizado dos alunos, incentivando-os a estudarem a língua de forma questionadora e crítica, não como mero receptores de regras gramaticais.

O trabalho amparado na Sociolinguística Educacional nos cursos integrados do IFAC, pode ser feito não só no conteúdo de variação linguística, mas também, nos demais conteúdos da Disciplina de Língua Portuguesa. Contudo é de suma importância que o docente se apodere dos pressupostos dessa área magnífica. Como ponto de partida fica essa bibliografia usada nesse trabalho desses escritores e pesquisadores renomados da Sociolinguística Educacional, como também, o produto educacional voltado para o conteúdo de variação linguística.

7 APÊNDICE A – EMENTA

Componente Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA			
Carga Horária:	133,33 h/r	Período Letivo:	2º ano
Ementa: Técnico Integrado em Agropecuária ao Ensino Médio			
Estrutura morfossintática da Língua Portuguesa. Sintaxe, Morfologia. Estratégias e recursos na produção de texto. Interpretação e produção de textos, considerando os diferentes gêneros textuais (conto, entrevista, notícia, reportagem, editorial). Literatura: Romantismo, Realismo, Parnasianismo. Variações linguísticas. Modalidades discursivas: texto narrativo e descritivo. Leitura e análise de contos literários. Produção textual: texto publicitário, a poesia e textos instrucionais.			
Ênfase Tecnológica			
Interpretação e produção de textos Fatores que garantem a textualidade nos diversos gêneros de textos A literatura como uso artístico da linguagem.			
Áreas de Integração			
Inglês: Relacionar o texto com suas estruturas linguísticas, suas funções e seu uso social. Artes: contextualização estética e artística da música e das artes visuais, com ênfase nas tecnologias. Espanhol: Divergências entre o português e o espanhol.			
Bibliografia Básica			
ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela N. Literatura brasileira: tempos leitores e leituras: volume único. São Paulo: Moderna, 2005. ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. Produção de texto: interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2008. AMARAL, Emília et al. Português novas palavras: literatura, gramática e redação: ensino médio: volume único. São Paulo: FTD, 2000.			
Bibliografia Complementar			
CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Gramática reflexiva: texto, semântica e interação: volume único. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009. CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Literatura brasileira: ensino médio. 2. ed. reform. São Paulo: Atual, 2000. LIMA, A. Oliveira. Manual de redação oficial: teoria, modelos, exercícios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. NICOLA, José de. Língua, literatura e produção de textos: volume 1: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2005. 1 v.			

NICOLA, José de. Língua, literatura e produção de textos : volume 2: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2005. 2 v
--

8 APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Título da Pesquisa	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CURSOS INTEGRADOS DO IFAC, CAMPUS SENA MADUREIRA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL
Turma	2º ano Curso Técnico em agropecuária
Mestrando	Raimundo Nonato da Silva Júnior
Aluno	

1) Você concorda com a frase que português é muito difícil

() Sim

() Não

2) Ao longo do seu percurso no curso integrado do IFAC já teve alguma aula sobre preconceito linguístico?

() Sim

() Não

Em relação a pergunta anterior, se sua resposta foi sim. Explique o que seja esse preconceito.

3) Você concorda com a afirmação que a gramática normativa é a própria Língua Portuguesa?

() Sim

() Não

Em relação a pergunta anterior se sua resposta for não justifique.

4) Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diatópica?

() Sim

() Não

Se sua resposta for sim, explique o que seja essa variação.

5) Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diafásica?

() Sim

() Não

Se sua resposta for sim explique o que seja essa variação.

6) Nas aulas de Língua Portuguesa já teve aula sobre variação diastrática?

() Sim

() Não

Se sua resposta for sim explique o que seja essa variação.

7) Ao longo do seu percurso como estudante da disciplina de Língua Portuguesa no curso integrado do IFAC os professores ao trabalharem os conteúdos usam mais os conceitos?

() Certo ou errado

() Adequado ou Inadequado

8) Nas aulas de Língua Portuguesa você já teve alguma abordagem sobre a diferença entre a norma padrão e a não padrão?

() Sim

() Não

Se sua resposta for sim, explique essa diferença.

9) Você já se sentiu ridicularizado ou discriminado em sala de aula por ter pronunciado uma palavra de forma “errada” em apresentação de seminários ou outra atividade?

() Sim

() Não

9 APÊNDICE C – PRODUTO EDUCACIONAL